

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALFENAS

FABRÍCIO DE LIMA PATU E SILVA

**A ATUAÇÃO CRISTÃ PERANTE O PODER ISLÂMICO EM CÓRDOBA DE
MEADOS DO SÉCULO IX: OS MÁRTIRES VOLUNTÁRIOS DE CÓRDOBA**

Alfenas/MG
2018

FABRÍCIO DE LIMA PATU E SILVA

**A ATUAÇÃO CRISTÃ PERANTE O PODER ISLÂMICO EM CÓRDOBA DE
MEADOS DO SÉCULO IX: OS MÁRTIRES VOLUNTÁRIOS DE CÓRDOBA**

Dissertação apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em História pela Universidade Federal de Alfenas, *campus* Alfenas. Área de concentração: História da Península Ibérica.
Orientador: Adailson José Rui.

Alfenas/MG
2018

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal de Alfenas

S586a Silva, Fabrício de Lima Patu e.
A atuação cristã perante o poder islâmico em Córdoba de meados do século IX: os mártires voluntários de Córdoba / Fabrício de Lima Patu e Silva -- Alfenas/MG, 2019.
70 f.: il. --

Orientador: Adailson José Rui.
Dissertação (Mestrado em História Ibérica) - Universidade Federal de Alfenas, 2019.
Bibliografia.

1. Identidade cultural. 2. Austeridade. 3. Moçárabes. 4. Islamismo - História. I. Rui, Adailson José. II. Título.

CDD-946

FABRÍCIO DE LIMA PATU E SILVA

“A ATUAÇÃO CRISTÃ PERANTE O PODER ISLÂMICO EM CÓRDOBA DE MEADOS DO SÉCULO IX: OS MÁRTIRES VOLUNTÁRIOS DE CÓRDOBA”.

A Banca Examinadora, abaixo assinada, aprova a Dissertação apresentada como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em História Ibérica pela Universidade Federal de Alfenas. Área de concentração: Ensino e Pesquisa de História Ibérica

Aprovado em: 25/09/18

Prof. Dr. Adailson José Rui
Instituição: Universidade Federal de Alfenas
UNIFAL-MG

Assinatura: 

Prof. Dr. José Carlos Jimenez
Instituição: Universidade Estadual de Maringá –
UEM-PR

Assinatura: 

Prof. Dr. Cláudio Umpierre Carlan
Instituição: Universidade Federal de Alfenas
UNIFAL-MG

Assinatura: 

Dedico esse trabalho à minha família, aos meus amigos e ao meu orientador que muito me apoiou na realização do mesmo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família pelo apoio oferecido para realizar um curso de grande importância para a minha vida profissional.

Agradeço também ao meu orientador pelos ensinamentos transmitidos para a realização do presente trabalho.

Agradeço à FAPEMIG pelo apoio recebido para participar de eventos nacionais e internacionais, e apoio para apresentar temáticas relacionadas ao presente trabalho.

RESUMO

Por meio de pesquisa referente à resistência dos moçárabes perante o jugo islâmico em Al Andaluz, a presente dissertação visa a mostrar, em uma direção, aspectos da convivência entre duas culturas - cristã e islâmica - ocorrida na Península Ibérica, mais precisamente no Sul da Espanha, região que foi palco do encontro e convivência entre islâmicos e cristãos e, em outra, oferecer - por meio da criação de um objeto educacional que poderá ser utilizado nas Escolas de Ensino Médio - um material didático que auxiliará os professores, na apresentação e discussão de temáticas relacionadas religião em determinadas sociedades. O objeto de estudo da pesquisa realizada limita-se ao período que se estende do século VIII aos meados do IX, tendo como local específico a cidade de Córdoba, a capital do emirado. Visa-se à apresentação de alguns dos embates ocorridos entre as duas culturas, especificamente o movimento que ficou conhecido como *Os Mártires de Córdoba*, cujo idealizador e propagador foi *Eulógio*, o bispo de Córdoba. Inspirado nos mártires cristãos dos primeiros tempos do cristianismo, incentivou e difundiu em Córdoba um movimento de reação cristã frente à pressão imposta a eles pelo poderio islâmico. De 850 a 859, 48 fiéis alcançaram voluntariamente o martírio. Como fonte para o estudo proposto, utilizaram-se os escritos de Santo *Eulógio* de Córdoba presentes nas obras completas de *Santo Eulógio de Córdoba* publicadas por Pedro Herrera Roldán.

Palavras-chave: Identidade cultural. Austeridade. Moçárabes. Islamismo.

ABSTRACT

Through the research concerning the resistance of the Mozarabs to the Islamic yoke in Al Andaluz, this dissertation aims to show aspects of the coexistence between two distinct cultures, Christian and Islamic, which occurred in the Iberian Peninsula, more precisely in the South of Spain, a region that was the scene of the encounter and coexistence between Islamists and Christians. The object of study is limited to the period extending from the 8th to the 9th century, having as specific place the city of Cordoba, the capital of the emirate at that time. It is intended to present and analyze some of the clashes between the two cultures, specifically the movement known as the martyrs of Cordoba, whose founder and propagator was Eulógio, the bishop of Cordoba, who inspired the Christian martyrs of the early Christian times, encouraged and disseminated in Córdoba a movement of Christian reaction against the pressure imposed on them by Islamic power. From 850 to 859, 48 faithful voluntarily reached martyrdom. As a source for the proposed study, we use the writings of Saint Eulogy of Córdoba present in the complete works of San Eulógio de Córdoba Pedro Herrera Roldán.

Keywords: Cultural identity. Austerity. Moçárabes. Islam.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	09
2	O EMIRADO DE CÓRDOBA EM MEADOS DO SÉCULO IX	13
2.1	CÓRDOBA EM MEADOS DO SÉCULO IX	13
2.2	A HERANÇA DEIXADA PELOS VISIGODOS	17
2.3	A FORMA DE ORGANIZAÇÃO DOS VISIGODOS E A CHEGADA DOS MUÇULMANOS	20
2.4	A COMUNIDADE CRISTÃ MOÇÁRABE NO SÉCULO VIII	25
3	SANTO EULÓGIO E OS MÁRTIRES VOLUNTÁRIOS DE CÓRDOBA	29
3.1	O INÍCIO DO MOVIMENTO DOS MÁRTIRES VOLUNTÁRIOS.....	31
3.1.1	Presbítero Perfecto	31
3.1.2	Martírio de Áurea e de seus dois irmãos Adolfo e João	33
3.1.3	As virgens Mártires Nunilon e Alodia	34
3.1.4	Witesindo	34
3.1.5	As Mártires santas virgens Flora e Maria	35
3.2	EXECUÇÕES POR PROSELITISMO E PROFANAÇÃO: O EXEMPLO DO MONGE ISAAC.....	41
3.2.1	Mártires: Sancho (e os outros?)	43
3.2.2	O diácono e mártir Sisenando	44
3.2.3	Os martírios do diácono Pablo e do monge Teodomiro.....	44
3.2.4	Os monges e mártires Cristóbal e Leovigildo	45
3.2.5	Os Mártires Émila e Jeremias.....	45
3.2.6	Os Mártires Rogelio e Serviodeo	46
3.2.7	Mártir Fandila.....	46
3.2.8	Os mártires Anastásio, Felix e Digna.....	47
3.2.9	A mártir Benilde	48
3.2.10	A mártir Santa Columba	48
3.2.11	A virgem mártir Pomposa	49
3.2.12	Presbítero e mártir Abundio	49

3.2.13	O martírio dos santos Amador, Pedro e Luis.....	50
3.2.14	O martírio do presbítero Elias e dos monges Pablo e Isidoro.....	50
3.2.15	O monge Argimiro.....	50
3.3	CASAMENTOS MISTOS.....	51
3.4	CONSIDERAÇÕES FINAIS RELATIVAS À PESQUISA REALIZADA	53
4	O USO DE TECNOLOGIAS VOLTADAS AO ENSINO PARA LEVAR À ESCOLA CONHECIMENTOS SOBRE A PENÍNSULA IBÉRICA EM MEADOS DO SÉCULO IX	57
4.1	PLATAFORMA XERTE, VÍDEO-AULA, TEXTO DIGITAL E QUIZZ NO ENSINO DE HISTÓRIA	57
4.2	PEDAGOGIAS, EDUCAÇÃO E SOCIEDADE	59
4.3	O PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM E SUA RELAÇÃO COM O OBJETO DE APRENDIZAGEM	64
5	CONCLUSÃO	68
	REFERÊNCIAS	69

1 INTRODUÇÃO

Passado quase um século e meio da entrada dos muçulmanos comandados por Tarique na Península Ibérica, iniciou-se um processo de explícita reação cristã frente ao islã. Não se tratou de uma reação relacionada às armas, pois ocorreu desde o princípio da entrada dos seguidores de Alá em terras ibéricas. Tratou-se, sim, de uma reação no campo da espiritualidade.

A entrada dos muçulmanos em 711 na Península Ibérica seguiu a prática adotada por eles em todos os territórios que conquistavam. Tinham, como meta, a submissão das áreas conquistadas. No entanto, essa submissão estava relacionada ao campo administrativo. Não tinham o objetivo de forçar a conversão dos vencidos. Essa característica possibilitou a permanência e manutenção da prática da religião cristã em terras dominadas pelo Islã.

Com o passar dos anos e o consecutivo aumento da forma de viver conduzida pelo islamismo nas áreas conquistadas na Península Ibérica, a comunidade cristã começou a perceber e a sentir um processo de amplo e rápido aumento de adeptos e crescimento do fervor dos cristãos, que tinham - no comportamento dos/as mártires - testemunhos e exemplos do meio de artifícios cruéis; se o enfrentamento propiciou não o enfraquecimento, mas sim, o poder concedido a decréscimo. Foi diante dessa situação que, no princípio da segunda metade do século IX, começou, em Córdoba, a capital do emirado Omíada em terras ibéricas, o movimento de enfrentamento de fieis cristãos frente ao progressivo aumento de conversões de moçárabes ao islamismo.

Se nos primeiros tempos do cristianismo os cristãos foram perseguidos e aprisionados e, por não renunciarem à crença que professavam, foram mortos por eles em função da crença em Jesus Cristo, funcionando como fatores que promoveram, inclusive, o aumento das conversões e, até mesmo, a ampliação do destemor frente à atuação dos romanos, por que não agora, frente à pressão islâmica, o martírio de cristãos não poderia funcionar novamente como uma forma de regar, com o sangue derramado em nome da fé cristã, os ânimos dos cristãos da comunidade moçárabe que, naquele período, encontrava-se pouco fervorosa, deixando, inclusive, os valores cristãos para professarem a crença em Alá?

Parece, conforme relatado na obra intitulada *Memoriale Sanctorum*, elaborada pelo bispo Eulógio de Córdoba, entre os anos de 853 e 857, que a propagação e o

incentivo à ideia de martírio fora a tática utilizada pelos cristãos para tentar reacender as chamas da fé entre os integrantes da comunidade moçárabe de Córdoba. No entanto, como conseguir o martírio se o islamismo não perseguia os cristãos? Não ofereciam o mesmo tratamento dado pelos romanos aos cristãos. Ao contrário, cristãos judeus e islâmicos viviam em relativa harmonia em território dominado pelos seguidores de Alá. Conflitos existiam, porém não diretamente por perseguição religiosa. Judeus e cristãos eram considerados protegidos, pois eram povos do Livro (Bíblia). Foram, inclusive, encarregados de campos da administração islâmica em Al-Andalus. Portanto, conseguir o martírio era uma tarefa a ser perseguida. Não era o resultado de uma perseguição. O martírio precisava ser provocado para ser conseguido. Provocá-lo não era difícil, pois, os protegidos eram proibidos, sob pena de morte, de fazer proselitismo e insultos à fé islâmica. A morte também era a penalização para aqueles que cometiam a apostasia, isto é, para aqueles muçulmanos que deixavam de professar a fé islâmica, normalmente filhos de casamentos mistos.

A existência da prática de casamentos mistos, principalmente entre mulheres cristãs e homens muçulmanos não era algo raro. Ao contrário, tornou-se uma preocupação para a comunidade cristã que passou a ver, na difusão dessa prática, a redução tanto do número dos seus integrantes como também dos seus domínios, pois parte das posses dos cristãos passava como herança às suas filhas e, automaticamente, as posses delas passavam para os seus maridos. Nessa prática, a comunidade cristã reconhecia o processo de enfraquecimento pelo qual estava passando. Outro fator resultante dos casamentos mistos era a situação dos filhos dessas uniões. Eles, de acordo com a tradição e a legislação, eram considerados muçulmanos. Se, por um lado, essa condição gerava o não crescimento da população cristã em terras de Al-Andalus, por outro, foi um fator que contribuiu para que muitos conseguissem o martírio, via a apostasia.

Tendo, por objetivo, fazer um estudo relativo a como se deu esse processo, elegemos, como temática de nossa pesquisa, “ *A atuação cristã perante o poderio islâmico em Córdoba de meados do século IX*”. Para tanto, tivemos como propósito estudar documentos e obras da historiografia que tratam dessa temática. Dentre os documentos, destacamos as obras completas escritas por Santo Eulógio de Córdoba e, dentre as obras pertencentes à historiografia, destacamos a do historiador belga Reinhart P. Dozy, obra elaborada no final do século XIX, além de

obras recentes, como *Los Mártires de Córdoba (850-859)*, de José Miguel Sáez Castán.

As obras completas de San Eulógio de Córdoba foram escritas, como o próprio nome diz, por Eulógio de Córdoba, bispo da cidade de Córdoba que, principalmente de 850 a 859 influenciou diversos cristãos a alcançarem o martírio, como forma de tentar promover o fervor religioso cristão, frente o poder islâmico instalado na Península Ibérica. Nessa obra, o bispo Eulógio relata, dentre outras informações, o processo que levou 48 cristãos ao martírio.

Com o objetivo de conhecer como se deu esse processo histórico, elegemos - como objeto de nossa pesquisa - a seguinte questão: como era a relação entre os cristãos moçárabes e os islâmicos na Península Ibérica durante o século IX? A partir dessa questão, estudamos como se deu a convivência e o surgimento de indícios que apontassem para a manutenção e o desenvolvimento de um sentimento de “identidade” cultural entre os cristãos moçárabes. Diante disso, tivemos como propósito também estudar quais foram as restrições impostas pelo islã aos cristãos da Península Ibérica e quais imposições os cristãos moçárabes criaram em relação ao islã. Teria o movimento dos Mártires de Córdoba representado no *Memorial de los Santos* a resistência e o sentimento radical cristão perante o julgo do islã? Tendo essas questões como direcionamentos para o trabalho, no primeiro capítulo, será apresentada a situação socioeconômica e política do emirado de Córdoba. Visamos, com isso, a possibilitar ao leitor algumas informações que possam ajudá-lo na compreensão do contexto cultural da época em que os moçárabes presenciavam as suas tradições culturais serem sufocadas pela cultura islâmica.

No segundo capítulo, será abordado como viviam os cristãos moçárabes e suas privações perante o jugo do islã. Serão destacadas, a partir de dados contidos na fonte, as condições políticas, econômicas e sociais que fizeram parte do cotidiano da comunidade moçárabe considerada, pelos islâmicos, como inferior. As pressões sofridas e a obrigação de pagar tributos, para poderem viver e permanecer na fé de origem, propiciaram o surgimento de sentimentos de identidade cultural e, posteriormente, o da intolerância entre ambas as religiões e as divergências dentro da própria igreja cristã.

O terceiro capítulo abordará o papel desempenhado por Santo Eulógio e a sua idealização do movimento que resultou nos *Mártires de Córdoba*. *E, também, a situação da igreja Ibérica e suas divergências seculares.*

No quarto capítulo, tratamos dos primeiros casos em que cristãos foram condenados à morte por terem, voluntariamente, ofendido a crença islâmica. Como ponto de partida, inicialmente, apresentamos dados referentes ao processo de martírio de alguns cristãos moçárabes. Com isso, almejamos detectar o perfil e a motivação que os levaram voluntariamente à morte, em prol da causa que defendiam. Na sequência, destacamos as consequências dos atos cometidos pelos seguidores de Santo Eulógio.

2 O EMIRADO DE CÓRDOBA EM MEADOS DO SÉCULO IX

Temos como meta no presente capítulo apresentarmos uma breve contextualização do Emirado de Córdoba na segunda metade do século IX, período no qual será desenvolvido o movimento que ficará conhecido como Mártires de Córdoba. Para tanto, apresentamos um conjunto de informações extraídas principalmente da obra clássica do historiador belga Reinhart P. Dozy que, nas últimas décadas do século XIX, elaborou e publicou um dos maiores estudos sobre a Espanha Muçulmana. Apesar de ser uma obra do século XIX, ainda em nossos dias, é considerada como referência para os estudiosos da História de Al-andaluz.

2.1 CÓRDOBA EM MEADOS DO SÉCULO IX

Na metade do século IX, conforme apresentado por Reinhart P. Dozy, a cidade de Córdoba florescia como um grande centro cultural. Nessa época, todo o emirado vivia com certa tranquilidade, pois não sofria incursões dos reinos cristãos do Norte. Para isso, também colaborava a sólida administração pública existente. A economia estava em franco crescimento. Colaborava, para isso, a implantação de novas técnicas agrícolas como a irrigação e a introdução de novas culturas agrícolas. Nesse período, havia subido ao trono o emir Abd al-Rahman II (822 a 852) sucedendo seu pai Al Haken I (797 a 822) encontrando, assim, boas condições para uma administração eficaz. Abd al-Rahman II é apresentado como uma pessoa culta e amante das artes. Em seu governo, Córdoba se tornou um dos centros de grande importância da cultura islâmica no ocidente, não deixando nada a desejar perante outros centros no oriente. Valorizou as ciências como medicina, astronomia, aritmética e filosofia. Incentivou a vinda de professores de outros centros islâmicos. Incentivou e valorizou o malequismo (sistema jurídico islâmico), construiu mesquitas, pontes, palácios e jardins (ROLDÁN, 2005).

A vinda de professores e artistas de outras partes do mundo islâmico para Córdoba propiciou mudanças no comportamento social. Como exemplo, podemos citar as contribuições do músico Zyriab (proveniente de Bagdad) no processo de arabização cultural de Córdoba. Zyriab era extremamente culto, conhecedor de artes, ciências, poesia, história, geografia, astronomia e música. Influenciou na gastronomia, desenvolvendo iguarias sofisticadas, implantou regras de etiqueta, o

uso de vestimentas para cada estação do ano e até no corte de cabelos, pois, antes de sua chegada, eram usados cabelos longos; depois, seguiram um corte padrão mais curto. Era requisitado pelos súditos para atender seus pedidos ao Emir, embora ele não gostasse de se envolver em questões políticas, preferindo viver sua vida requintada no emirado de Córdoba (DOZY, 2015).

Durante o governo de Abd al-Rahman II, a cultura islâmica passou a ser muito difundida e tornou o árabe a língua cultural. Segundo Pedro Herrera Roldán, até mesmo a nobreza cristã ibérica lia, falava e escrevia em árabe. Encontravam-se, nessa língua, as traduções de obras de filósofos da antiguidade. A influência da cultura árabe estava por toda parte, fazendo-se presente nas vestimentas, na culinária e nos costumes de um modo geral. O Emir tinha uma personalidade carismática muito bem instruída, sendo até admirado por seus oponentes. Dessa forma, a pujança da cultura islâmica fazia com que até as comunidades moçárabes admirassem o seu governo, pela fartura desfrutada pelos conquistadores. Essas condições podem ser observadas nos escritos do próprio Santo Eulógio, ao tratar do reinado de Abd Rahman II:

[...] reinando por siempre nuestro Señor Jesucristo, corría el año 850 de su encarnación, era 888 y año vigésimo noveno del reinado de Abderramán, y a la sazón el pueblo árabe, grande en riquezas y dignidad en Hispania, se había apoderado con un infausto dominio de casi toda Iberia, y en cuanto a Córdoba, a la que otrora se decía Patricia y ahora se llama ciudad real por residir el monarca, la había encumbrado en lo más alto, enaltecido con honores, dilatado en gloria, colmado de riquezas y aumentado enormemente con abundancia e todas las exquisiteces del mundo, más allá de lo que se puede creer o decir, de suerte que excedió, superó y venció en cualquier fasto mundano a los anteriores reyes de su linaje [...] (Mem. (II I, I) (ROLDÁN, 2005, p. 7).

O testemunho de Santo Eulógio, presente no relato, indica que a cultura islâmica do Oriente começou a dominar a cultura ocidental em seu próprio território. Tal fato contribuiu para a redução de pessoas que conheciam o latim, língua clássica do Ocidente. Na Península Ibérica, nos séculos VIII e IX, falavam-se línguas românicas autóctones oriundas do latim tardio. Uma delas ficou conhecida como latino; no entanto, os conquistadores árabes em terras ibéricas passaram a denominá-la de língua moçárabe (termo da língua árabe que significa *arabizado*). Essa influência cultural árabe se fez presente também na língua escrita, surgindo - a partir daí - o termo denominado Aljamía¹.

¹ Escritura de lenguas no árabes en caracteres arábigos. Vocablo mediante El cual los musulmanes de al-Ándalus designaban las lenguas de los cristianos del norte de la península Ibérica. En la baja

Devido à intensidade e rapidez da dominação cultural, desenvolveu-se, entre os moçárabes, o sentimento de valorização da cultura latina, o que foi indispensável para a formação de uma identidade cultural em terras ibéricas. Nesse contexto, perante o jugo islâmico, os moçárabes perdiam suas tradições culturais, religiosa, social e política, elementos que levam a um ideário de identidade e união de um povo em torno de suas tradições (PEDRAJAS, 2013).

Nesse contexto, segundo Pedro Herrera Roldan, o islã era superior em todos os campos culturais, deixando a cultura latina à margem do esquecimento na ,Andaluzia. Conforme o mesmo autor, em 850, o Abade Esperaindeo já lamentava que seus contemporâneos tivessem total interesse pela cultura árabe, uma vez que se interessavam por estudos pagãos, ou seja, a estudos relacionados à cultura islâmica. Alguns anos mais tarde, Álvaro, um dos discípulos do Abade Esperaindeo, menciona, na obra conhecida como *o Indiculo Luminoso*, o abandono de seus correligionários aos estudos tradicionais e à língua culta ocasionando um lento, porém irremediável, declive da cultura latina na Andaluzia (ROLDÁN, 2005).

Segundo Eduardo M. Moreno, embora a capital do emirado vivesse um período de esplendor cultural e econômico, o Emir Abd al-Rahamán II começou a enfrentar rebeliões em outras cidades do emirado como Toledo, a antiga capital visigótica (829) e Mérida (833). Conforme o mesmo autor, nessas áreas havia pouca população de árabes e berberes, sendo constituída em sua maioria por famílias autóctones de origem nobre, que haviam se convertido ao islã desde a chegada dos conquistadores e consolidado pactos com eles (MORENO, 2006). Porém, em virtude da cobrança de tributos, as rebeliões começavam a acontecer.

Dentre as famílias nativas que haviam se convertido ao islamismo e mantido suas propriedades e territórios, destacam-se as seguintes: Banu Qasi, Banu Amrus e Banu Rasid, que dominaram as cidades de Toledo, Mérida e a Fronteira Superior, em grande parte do século IX. Esses clãs, ora confrontavam o poder do emirado cordóbes, ora eram aliados. Em Mérida, havia um fator diferente, pois - além dos muladis - havia também os líderes berberes, que também alternavam seu apoio (MORENO, 2006).

Mediante a dominação cultural islâmica frente à população nativa, surgiu uma outra vertente, segundo Pedrajas (2013), a questionar a situação, uma vez que

Edad media en castellano se entiende por aljamía la lengua romance escrita con caracteres árabigos. La lectura consignada en esta grafía es la llamada aljamiada (v. 'Ayam).

grande parte de seus direitos e liberdades estavam sendo alterados. Tal processo estava acontecendo desde a vigência dos pactos firmados entre eles e os muçulmanos, ainda na chegada do islã à Península. Naquele momento, o pacto estabelecido com os recém-chegados favoreceu a elite Ibérica que havia sido partidária de Witiza, porém essa situação foi se deteriorando com o passar do tempo (MORENO, 2006).

Seguindo alguns autores tais como Pedro Herrera Roldán (2005) e Rafael Jiménez Pedrajas (2013), o sentimento de desvalorização dos cristãos frente aos muçulmanos foi se ampliando. Colaboraram para isso as restrições relacionadas ao culto religioso. Foi somente mediante o pagamento de um tributo denominado de *jizya* que puderam seguir, embora com restrições, a religião cristã. Essa situação contribuiu para o desenvolvimento de uma crise de identidade cultural gerando, assim, entre outras coisas, uma situação de intolerância entre as comunidades cristãs moçárabes e a tradição religiosa dos seguidores do profeta Maomé, que conviviam nesse mesmo contexto Ibérico.

Outro fator que colaborava para a ampliação do sentimento de desvalorização entre os moçárabes foi a perda da hegemonia da igreja cristã. Embora mantivessem as ordens eclesiásticas e a hierarquia, a comunidade cristã havia sido reduzida nos territórios que passaram a ser dominados pelos muçulmanos, pois grande parte da população local havia se convertido ao islamismo. Dentre os principais motivos dessas conversões estava à possibilidade de ascensão social para aqueles que deixassem de ser cristãos e abraçassem a nova doutrina. Isso também contribuiu para que a igreja Ibérica, de certa maneira, ficasse isolada em relação aos outros centros cristãos europeus, fato que fez com que ela mantivesse os ritos religiosos dos tempos dos visigodos. Dessa forma, seus seguidores tinham uma maneira exclusiva de professar o cristianismo. A redução do número de fiéis colaborou também para que perdessem também propriedades, fato que já vinha acontecendo, em função do confisco de grandes extensões de terras e da destruição de parte de seu patrimônio como igrejas e mosteiros (ROLDÁN, 2005).

Nesse contexto, em meados do século IX, no seio das comunidades moçárabes de Córdoba, iniciou-se uma ruptura dentro da Igreja. De uma parte, manifestaram-se os moderados, que concordavam com o jugo do islamismo e, de outra, surgiu uma ala - composta por pessoas com sentimento mais acalorado - que não aceitava a submissão imposta pelo islã, pois via suas tradições culturais e

religiosas serem censuradas pelos mulçumanos. Criou-se, assim, um embate entre essas duas linhas de pensamentos.

Dos povos que marcaram a sua presença em solo ibérico, apresentamos algumas considerações sobre os visigodos, povo que antecedeu, no poder, o domínio islâmico na Península. Foi o cristianismo vivenciado e desenvolvido pelos godos que, com algumas alterações, manteve-se durante a presença islâmica em solo ibérico. Porém, para termos uma compreensão maior do como se chegou a essa situação, acreditamos ser necessário apresentarmos algumas considerações sobre o processo de cristianização da Península Ibérica.

2.2 A HERANÇA DEIXADA PELOS VISIGODOS

Conforme Castellanos (2007), os visigodos se estabeleceram no século IV, na região do Danúbio, nas proximidades dos Bálcãs, firmando tratados com o Império Romano. Nesse período governado pelos imperadores Constantino e Teodósio, ambos convertidos ao cristianismo, essa religião tornou-se a oficial do Império. Os visigodos, ao entrarem na esfera de relações com os romanos, também começaram a conhecer vertentes do cristianismo.

Nessa época, o cristianismo estava vivenciando amplos debates em relação a aspectos teológicos, em virtude dos posicionamentos opostos apresentados por duas correntes de pensamento. De um lado, aqueles que apoiavam as decisões tomadas no Concílio de Nicéia² e, de outro, aqueles que defendiam a doutrina propagada por Ario, bispo de Alexandria, que ficou conhecida como arianismo³. Nesse contexto de disputas teológicas, os visigodos, no ano de 376, foram

² Nicéia, Concílio de (325) Após sua vitória sobre Licínio em 323, Constantino encontrou a província oriental dividida pelos ensinamentos de Ario um sacerdote de Alexandria que argumentava não ser o verbo co-eterno com o pai, e ser Cristo, nas melhores hipóteses, um filho adotivo de Deus. Em concordância com seu mestre Luciano de Antioquia, postulou que o Verbo encarnado não tinha uma alma humana. As tentativas locais para sufocar o Arianismo fracassaram, assim como as intervenções pessoais de Constantino. Finalmente, de acordo com a tradição romana, o imperador convocou um sínodo geral, um Concílio, inaugurado em Nicéia em 325. Foi presidido diretamente pelo legado do papa Silvestre, Hósio de Córdoba, e assistido por quase 300 bispos. Os debates foram acrimoniosos e demorados.

³ Arianismo crença herética que surgiu na Igreja primitiva, em virtude dos ensinamentos do sacerdote Alexandrino Ario (256-336). Em face da dificuldade teológica de combinar a divindade de Cristo com a unidade de Deus na Trindade, Ario propôs a noção, segundo a qual o Filho não era coeterno com o Pai. No concílio de Nicéia (325), o debate gravitou em torno da questão de saber se o Filho era “da mesma substância” que o pai.

convertidos ao cristianismo ariano, doutrina que seguiram por aproximadamente dois séculos, até se converterem ao cristianismo romano.

De 418 a 507, estabeleceram-se no sul da Gália, ficando nessa região até o enfrentamento com os Francos, que culminou na batalha Vouillé, na qual foram derrotados pelas forças francas comandadas por Clóvis. Como consequência da derrota, os visigodos deixaram os territórios da Gália e restringiram a sua presença aos territórios Ibéricos, onde conviveram com outros povos e crenças. Dentre elas, o judaísmo, o paganismo, o cristianismo Niceno, o maniqueísmo e o Priscilianismo⁴. A presença de diferentes religiões propiciou a ocorrência de amplos debates teológicos (CASTELLANOS, 2007).

Após vários confrontos com suevos, alanos, vândalos e o Império Bizantino, que detinha territórios no sul da Península Ibérica, os visigodos conseguiram impor o seu domínio. Em 476, já controlavam grande parte da Península Ibérica. No século VI, a monarquia visigótica passou por momentos difíceis ocorrendo, por exemplo, o assassinato de dois reis: Teudiselo (548 a 549) e Ágila I (549 a 554).

Nesse contexto político e teológico, a Península Ibérica sofria influências de pensamentos provenientes de correntes distintas do cristianismo, como por exemplo, do monofisismo e do Calcedonianismo⁵, ambas correntes difundidas no Oriente. Em virtude das tensões no campo religioso, o imperador Justiniano (527 a 565), tentou fazer uma conciliação entre as duas perspectivas religiosas. No entanto, não obteve êxito e ele tentou impor o Calcedonianismo ao Monofisismo⁶. Para tanto, colocou, em funções estratégicas, bispos e aristocratas que eram seguidores dessa perspectiva religiosa. Porém, essa atuação do imperador não deu certo, pois, em meados dos anos quarenta, foram condenadas as ideias dos bispos Teodoro, Teodoreto e Iba, defensores do calcedonismo, cujas idéias haviam sido reabilitadas no concílio Calcedoniano realizado no século anterior (CASTELLANOS, 2007).

⁴ Priscilianismo: A Espanha cristã IV destacou-se por sua notável vitalidade teológica possibilitada por pensadores importantes como Potâmio de Lisboa; Gregório; de Elvira, Paciano de Barcelona e Prudêncio de Calahorra. Essa vitalidade também encontra expressão no Priscilianismo, heresia que leva o nome de seu fundador Prisciliano.

⁵ Calcedônia, Concílio de (451). O quarto Concílio ecumênico da Igreja, convocado pelo imperador Marciano, em 451, e assistido por 600 representantes eclesiásticos. Aprovou os Credos de Nicéia (325) e Constantinopla (381) e aceitou o Tomo de Leão I como base para novas reformas doutrinárias. Mais importante, condenou o monofisismo e afirmou a crença ortodoxa básica de que Cristo, embora uma pessoa, possuísse duas naturezas.

⁶ Monofisismo Heresia cristológica do século VII que se originou nas tentativas dos ortodoxos, muitas vezes por motivos políticos, de fazer os monofisistas regressarem à ortodoxia. Usou fórmulas que expressaram existir em Cristo somente uma operação (energia) proveniente de uma única vontade (mono thelema).

Além das disputas em relação ao domínio do território que assolavam as terras Ibéricas, existiam também, conflitos resultantes do fato de os visigodos terem adotado o arianismo como opção religiosa. Isso gerava o descontentamento da maioria da população hispânica que seguia o cristianismo romano (católico) (CASTELLANOS, 2007).

O cristianismo Niceno ou católico, como também denominado, começou a ter espaço entre os visigodos a partir da conversão de Hermenegildo (564 a 585), filho do rei Leovigildo (? a 586). A referida conversão gerou conflito entre pai e filho e seus respectivos partidários. Frente ao movimento católico, o rei Leovigildo conduziu perseguições cuja finalidade era defender o arianismo. Segundo Castelhana Garcia, no ano de 579 ou 580, mediante a convocação de um concílio, o rei tentou promover a conversão dos bispos católicos ao arianismo. Visava com isso a promover o reforço do poder central, dando maior peso às estruturas episcopais. Após o conflito que assolou a região e resultou na morte de Hermenegildo, ocorreu a aproximação entre o arianismo e o catolicismo, sendo esse último difundido, entre outros, pelo bispo Leandro de Sevilha, seguidor da doutrina romana (CASTELLANOS, 2007).

Segundo Gregório Magno, Leovigildo, no momento de sua morte, ocorrida no ano de 586, havia pedido a Leandro de Sevilha que orientasse Recaredo, o herdeiro do trono visigodo, para que fizesse a transição do arianismo para o catolicismo. Com a ascensão de Recaredo, foi convocado um concílio, reunindo bispos arianos. Buscava-se uma flexibilização entre o arianismo e catolicismo e, principalmente, confirmar a conversão dos bispos arianos ao cristianismo romano. Essa decisão levou à ocorrência de várias revoltas nas principais cidades do reino visigodo. Tal situação se estendeu até o ano de 590, fazendo com que o monarca convocasse os bispos de ambas as doutrinas para aquilo que ficou conhecido como o *III Concílio de Toledo*, cujas seções se deram no mês de maio de 589, na cidade de Toledo, a capital do reino visigodo (CASTELLANOS, 2007).

De acordo com Castellanos (2007), Recaredo enfrentou muitos problemas devido às mudanças de cunho teológico e político, situação que o fez estabelecer alianças com os setores do poder e, muitas vezes, agir com severidade com os opositores da consolidação do reino.

2.3 A FORMA DE ORGANIZAÇÃO DOS VISIGODOS E A CHEGADA DOS MUÇULMANOS

Os clãs visigodos viviam na Península Ibérica divididos em pequenos reinos, no entanto, formavam uma monarquia centralizada. No ano 710, com o falecimento do rei Vitiza (702 a 710), o trono ficou vago e o sucessor deveria ser eleito. Disputavam o direito à sucessão Agila II, filho de Vitiza, e Rodrigo, um nobre da cidade de Toledo. Setores da aristocracia visigoda e o clero apoiavam Rodrigo, fato que contribuiu para que ele vencesse o pleito. Contrário a essa situação, Agila II e seus partidários se revoltaram. Como resultado, ocorreu uma guerra que afetou todo o reino visigodo, gerando o enfraquecimento das forças armadas e crise econômica, uma vez que as atividades relacionadas com a agricultura, a pecuária e o comércio foram afetados. Diante dessa situação, Agila II tentou aliar-se aos mouros que viviam no outro lado do estreito de Gibraltar, no Magreb, norte da África, visando a conseguir o apoio bélico de que necessitava para conseguir vencer Rodrigo e ser o sucessor de Vitiza.

O apoio foi concedido pelo governador do Magreb, Musa Ibn Mussain. No entanto, segundo Castellanos (2007), existem relatos de crônicas cristãs, bizantinas e árabes que afirmam que, anteriormente a essa solicitação feita por Agila II, os mouros já haviam feito incursões pelo território ibérico. Em 709, Abu Zar'a Tarif teria comandado uma tropa e feito ataques a vilarejos, saqueando e escravizando as populações vencidas. O mesmo se deu em 710, em outra incursão militar, porém, essas incursões não propiciaram o domínio mouro em terras Ibéricas, uma vez que somente saqueavam e regressavam para o norte da África. Segundo a tradição, teriam chegado à Península Ibérica com um contingente de 400 peões e 100 cavaleiros, todos atravessaram o estreito de Gibraltar por meio de barcos cedidos por Juliano, o então governador de Ceuta⁷. Tal frota era constituída pela antiga força

⁷ Então, que surgiu um personagem muito citado em fontes cristãs moçárabes e árabe Juliano o governador de Ceuta, embora seja questionada a existência desse cristão visigodo. Que se rebelaria contra Rodrigo de Toledo, que lutava para obter o trono do reino visigodo. Segundo a historiografia moçárabe, Juliano teria se revoltado pelo defloramento de sua filha, que se encontrava na corte do rei Vitiza na cidade de Toledo, no intuito de ela ser educada nos moldes palacianos. Dessa maneira, Juliano - governador de Ceuta no Tanger, já na costa africana do Calpe (antigo nome do estreito de Gibraltar) - ele era um visigodo de fé cristã e fiel súdito do rei visigodo Vitiza. Vivia nessa região, que haveria uma intensa influência da fé maometana, a qual se espalhava por todo o norte da África, embora à custa de muita resistência dos habitantes locais à conversão a uma cultura religiosa distinta da então vivida por eles, que seguiam crenças animistas⁶ e pagãs na visão do dominador islâmico, que tem uma crença monoteísta.

naval bizantina, ancorada em Ceuta desde 687. Era composta, na maioria, por berberes liderados por Tarif, um mestiço de pai árabe.

As tropas berberes lideradas por Tarif foram combatidas pelas forças visigóticas comandadas por Rodrigo. O fracasso de Tarif Abu Zar'a em 710, na primeira incursão moura em terras ibéricas, deu-se devido à resistência do então duque da Bética Rodrigo o qual mais tarde viria a se tornar rei, com apoio da aristocracia visigoda da região Bética de Córdoba. Dessa maneira, começou o confronto com vários inimigos. Sendo um deles, o que cruzaria seu caminho vindo da outra costa do estreito de Gibraltar, que então protagonizaria um acontecimento de grande importância para os desígnios da Península Ibérica e da cultura ocidental (MORENO, 2013).

O desembarque do chefe berbere Tarif Abu Zar'a Ibn Malik teria ocorrido em uma Ilhota, atualmente unida ao continente, denominada na época pelos habitantes por Ilha dos Vândalos ou Arsenal, que era ponto de embarcações. Nessa ocasião, com a condição de proteger Vitiza e seus familiares, Rodrigo foi reconhecido e sido sagrado rei pelo arcebispo visigodo Sinderedo. Porém, após ter vencido um de seus desafetos, Suniefredo, o rei já visava a um confronto bélico contra Agila II, fato que gerava instabilidade política e econômica no reino visigodo. Concomitante a isso, no outro lado do Mediterrâneo, as tropas mouras preparavam-se para uma incursão em terras ibéricas sob o comando de Tariq Ibn Zyād, um general berbere que tinha como propósito atacar Rodrigo, vingando assim a derrota sofrida por Abu Zar'a em julho de 710 (MORENO, 2013).

A chegada das tropas mouras teria contado com a ajuda de Juliano para a travessia do estreito de Gibraltar, pois, na primavera do ano 710, ele disponibilizara uma frota de barcos para o transporte das forças islâmicas em solo ibérico. Essa incursão liderada por Tarif Abu Zar'a teve uma curta duração, uma vez que as tropas de Rodrigo o fizeram bater em retirada voltando para suas posições defensivas, no norte da África. Aproximadamente um ano depois, o mesmo Juliano, segundo as narrativas presentes nas crônicas, teria mais uma vez cedido barcos e apoio logístico para mais uma incursão militar, dessa vez bem maior que a anterior. No

verão de 711, desembarcaram e iniciaram a conquista islâmica das terras ibéricas (MORENO, 2013).

Parte da nobreza visigoda, contrária a Rodrigo, pactuou com essa entrada islâmica na Península, favorecendo assim a conquista de um vasto território em um tempo curto. Segundo Moreno (2013), algumas fontes afirmam que Musa, o governador do Magreb, havia recomendado a Tariq que não fizesse a conquista do reino Visigodo simplesmente, mas apoiasse Ágila II a derrotar seu rival o rei eleito, pois os acordos eram em forma de botins e pagamentos em ouro pela ajuda militar.

Tariq havia atravessado o estreito de Gibraltar com um enorme contingente de soldados e, num segundo momento, com mais reforços. Suas hostes contavam com infantes que dispunham de armamentos mais leves e rápidos, pois imaginavam uma investida de toda tropa real comandada por Rodrigo e de alguns nobres, os quais o apoiavam. Na primavera de 711, entre os meses de abril e maio, os mouros desembarcaram próximo ao penhasco de Gibraltar em um porto natural em Carteya, nas cercanias de Algeciras (MORENO, 2013).

No momento do desembarque e dos primeiros botins executados pelas tropas de Tariq, o rei Rodrigo encontrava-se ao norte combatendo os bascos, quando foi comunicado da investida das tropas mouras oriundas do norte da África em solo hispânico. Isso fez com que o monarca visigodo partisse com suas tropas para o sul a fim de combater os invasores. Segundo fontes mulçumanas de Ahmad al-Rāzi e Arib ibn Sa'íd, a localização geográfica onde teria ocorrido o combate decisivo entre os cristãos e os mulçumanos denominava-se wādi Lakka em árabe, que seria o mesmo significado do rio Guadalete ou Barbate na província de Cadiz. Segundo a Crônica Moçárabe, Rodrigo teria sido traído por seus comandados - "a causa da ambição do reino" - que tomariam partido por um novo e abandonado o monarca que, por isso, teria sido derrotado e morto na batalha. Como já apresentado, as forças visigodas eram compostas por comitivas privadas. Apresentava uma fraqueza estrutural que foi bem explorada pelas tropas islâmicas. Segundo a crônica moçárabe, também mataram os inimigos de Rodrigo.

Tariq e seus comandados partiram numa investida para a conquista da região Bética conquistando as principais cidades como: Sevilha, Écija e Córdoba; depois dirigiram-se a Toledo - a então capital do reino visigodo - que havia sido morada do derrotado rei Rodrigo e seus aliados. Esse episódio contou com o apoio de Opas, o então bispo de Sevilha e irmão do falecido rei Vitiza, o que contribuiu para o domínio

islâmico nessa região, criando a versão de que a família do antigo soberano teria contribuído para a invasão de Tariq para derrotar Rodrigo e seus apoiadores. Em Toledo, houve o massacre de uma grande parte das famílias nobres. O bispo Sinderedo, que havia sacramentado o reinado de Rodrigo, viu-se obrigado a exilar-se em Roma. As execuções dos nobres na capital não ocorreram em outras cidades ocupadas e o exílio do bispo foi uma forma de não ocorrer a eleição de um novo monarca capaz de articular uma defesa organizada. Assim sendo, as forças islâmicas enfrentaram somente as rebeliões locais (DOZY, 2015).

A vitória de Tariq sobre as tropas defensivas de Rodrigo fez com que o governador de Infriquia, Musa, fosse com seu filho, Abd al-Aziz, no verão de 712, até as terras ocupadas na Península Ibérica, porém ficou ali até 714, pois o governador e Tariq, o general berbere, que ocupou os territórios até então sob o jugo visigodo, foram a Damasco, sede do poder Omíada, atendendo ao chamado do califa Valid (705 a 715).

O comando islâmico na Península ficou por conta de Abd al-Aziz que controlou os territórios ocupados com o poder militar e através de pactos firmados com as famílias nobres, que asseguravam seus cargos militares e administrativos do reino. Com isso, o domínio árabe-berbere concentrou-se na porção ocidental da Península Ibérica, enquanto - na parte oriental - as regiões de Terraconense e Narbonense não estavam sob o jugo do islã. No ano de 713, foi firmado um pacto entre o dominador islâmico e Teodomiro, duque visigodo, que detinha o domínio de uma vasta região no sudeste peninsular composto por sete cidades. Com esse pacto, o duque e todas as cidades que ficavam sob sua influência teriam facilidades de conviver com os dominadores seguidores da fé inspirada pelo profeta Maomé. Dessa forma, ficaram sob a proteção de Alá e do profeta, podendo assim manter suas propriedades, não se tornando cativos e nem submetidos e separados de suas famílias, preservando, dessa maneira, a sua religião (MORENO, 2006).

Evidentemente, essas liberdades teriam um preço, pois a população autóctone que se encontrava sobre o domínio do islã era obrigada a pagar tributos anuais em dinheiro ou em produtos agrícolas. Judeus e cristãos, os povos do livro (*dimmi*), tinham que pagar o tributo denominado de *jizya*, por meio do qual esses povos podiam seguir a religião que professavam antes do domínio islâmico. Judeus e cristãos também tinham que pagar o *jaray*, tributo cobrado sobre as propriedades

dos não islâmicos. Segundo o Corão, em sua citação sobre os povos do livro (dimmi), encontra-se o seguinte:

Alef, Lam, Mim. Eis o livro que é indubitavelmente a orientação dos tementes a Deus; Que creem no incognoscível observam a oração e gastam daquilo com que os agradamos; Que creem no que te foi revelado (ó Muhammad), no que foi revelado antes de ti e estão persuadidos da outra vida. Estes possuem a orientação do seu Senhor e estes serão os bem-aventurados (ALCORÃO SAGRADO, 1975, p. 2:1-5).

No entanto, no ano 714, Abd al-Aziz já teria consolidado o avanço territorial islâmico em terras ibéricas e teria também fixado a sede governamental na cidade de Sevilha e, nessa ocasião, contraíra matrimônio com Egica, esposa do falecido rei Rodrigo, tentando, dessa forma, reconstruir o reino visigodo para seu benefício.

Nesse mesmo ano, Aziz é assassinado pelos seus próprios seguidores, talvez pelo fato de sua aproximação com famílias da nobreza visigótica em seus pactos firmados. Com esse desfecho, o califa omíada de Damasco, Valid (705 a 715), enviou outro governador para a Península Ibérica, o Valí AL-Hurr, que governou de 716 a 718, ampliando os domínios islâmicos, por meio de guerras e de pactos. Dessa maneira, combateu os focos rebeldes visigodos em territórios da Terraconense. Um dos resultados desse processo foi a transferência da capital de Sevilha para Córdoba. Al-Samh (718 a 721), sucessor de AL-Hurr, além de efetuar a conquista da região Gália Gótica estabeleceu, com isso, o fim do reino visigótico. Iniciou, segundo Maria Isabel Loring, a sua administração fazendo um censo populacional dos vencidos e submetendo-os aos tributos e dividindo as terras entre os conquistadores (LORING, 1998).

Conforme Zeumer, a lista dos reis visigodos existentes na *Chronica Regum Visigothorum*, presente na *Monumenta Germaniae Historica*, apresenta - após o nome de Vitiza - o nome de dois reis, Agila com três anos de reinado e Ardo com sete, omitindo toda referência a Rodrigo. Segundo M.^a Isabel Loring, devido ao apoio da família de Witiza aos invasores islâmicos, é possível que Agila II, por ser um nobre visigodo, tenha governado as regiões de Terraconense e Narbonense entre os anos de 711 a 714, sendo sucedido por Ardo, que as governou até 721. Para a mesma autora, tanto a crônica moçárabe como crônicas islâmicas elaboradas posteriormente relatam que, nos anos entre 716 a 721, ocorreu a conquista da Gália Gótica, localizada a nordeste da Península Ibérica (LORING, 1998).

A mesma autora explica que havia uma disputa política e social entre a monarquia visigoda e parte da nobreza por cargos administrativos bem remunerados

e privilegiados. Esse fato favoreceu a realização de pactos com os mulçumanos. Muitos dos visigodos preferiram pactuar, aceitando a soberania islâmica na Península e, dessa forma, manterem seus privilégios, em vez de resistirem ao jugo islâmico e perderem o poder que exerciam. Essa atuação foi realizada pela família do ex-monarca Vitiza, mantendo, com isso, suas grandes propriedades de terras e conservando o poder que detinham.

2.4 A COMUNIDADE CRISTÃ MOÇÁRABE NO SÉCULO VIII

Conforme apresentado no *Dicionário da Idade Média*, a definição dada ao termo moçárabe surgiu após o triunfo muçulmano na Península Ibérica, em meados do século VIII. Esse termo foi aplicado àqueles cristãos e judeus que continuaram vivendo sob o domínio muçulmano sem se converterem ao Islã. Gradualmente, a definição foi ficando limitada aos cristãos (*Dicionário da Idade Média*, Henry R. Loyn).

Segundo estudiosos, tanto clássicos, como Simonet (1897), quanto recentes como Roldan, as relações entre as comunidades moçárabes e os islâmicos começaram a ficar tensas, em virtude de certa opressão a que passaram a ser submetidos pelas autoridades islâmicas. Embora mantendo a religião cristã, os moçárabes eram vistos como povos arabizados, pois falavam o árabe como idioma cultural e usavam vestimentas como as usadas pelos dominadores. Segundo a *Crônica Moçárabe 754* havia cristãos vindos do Norte que não eram de domínio islâmico e também árabes e berberes (povos do norte da África), que se convertiam ao cristianismo. Com o passar dos anos, a convivência entre as duas religiões monoteístas vinha se desgastando.

Com a chegada do Islamismo, o cristianismo vinha perdendo fiéis, em função das conversões, meio utilizado por muitos como estratégia para conseguir ascensão social. Segundo Roldán (2005), essa prática ocorria, pois, nessa época, a vida social, política, religiosa e econômica seguiam a aristocracia omíada e as leis e costumes islâmicos, portanto tornar-se islâmico era a forma de fazer parte do grupo dominante.

A partir do estabelecimento do poder islâmico na Península Ibérica, passou a ser desenvolvido um processo de convivência e de conflitos entre as tradições cristãs e islâmicas, sendo alguns de modo direto e outros de modo indireto entre

ambas as comunidades. De um lado dessa convivência havia os cristãos, que almejavam o direito de professarem sua fé livremente, pois os islâmicos seguindo sua jurisprudência cobravam um tributo denominado Jyzia, que dava ao cristão o direito de seguir sua religião. Porém, mesmo com a efetivação do referido pagamento, os cristãos tinham que respeitar certas regras impostas pela ordem islâmica recém estabelecida em terras ibéricas. Dentre elas encontram-se as seguintes: proibição do matrimônio entre um cristão e uma mulçumana; fazer proselitismo do cristianismo (exaltação, pregação); apostasia ao islã; injúrias à religião e ao profeta (Mohamed); proibição de expor a fé cristã fora das igrejas e monastérios.

Na cidade de Córdoba, em tempos de paz, era permitido fazer procissões, enterros e outras manifestações religiosas. Os moçárabes, nesses períodos, tinham permissão de reconstruir suas igrejas e monastérios que haviam sido destruídas no decorrer da entrada dos muçulmanos, porém mais afastados, fora dos perímetros urbanos. Sendo assim, os moçárabes eram vistos como cidadãos de segunda classe nos domínios mulçumanos em Al-Andalus, segundo Roldán (2005), e as normas mencionadas logo incitaram em alguns cristãos o desejo de se rebelar contra a ordem vigente. Nesse cenário, no período referido, seria desenvolvido, em Córdoba e em áreas próximas, um movimento promovido por certo número de cristãos, cujo objetivo era contestar a ordem estabelecida e chamar a atenção da comunidade cristã em relação à opressão que ela vinha sofrendo por parte dos novos dominadores da maior parte da Península.

Tal movimento ficou conhecido como os *Mártires voluntários de Córdoba*, movimento inspirado - segundo Eulógio e Pablo - nos primeiros Mártires do cristianismo, ainda em tempos do domínio romano. Levando-se em conta toda essa situação de opressão, a atitude dos cristãos que passavam a buscar o martírio era justificada pela necessidade de despertar uma comunidade adormecida e humilhada. Consideravam que, assim como o sangue dos primeiros mártires do cristianismo servira para que inúmeros se inspirassem naquela força e fé e se convertessem ao cristianismo, os que desejavam ser mártires em Córdoba de meados do século IX almejavam, com o seu sangue derramado, acender os ânimos e a fé em Cristo nos cristãos cordobeses.

Inspirados pelas narrativas referentes aos primeiros mártires do cristianismo, começou a surgir um sentimento anti-islâmico entre alguns cristãos, de forma

especial em Eulógio, bispo de Córdoba, que passou a incentivar fiéis a se levantarem contra o Islã, fazendo com que alguns moçárabes, dentre os quais membros do clero e pessoas comuns, passassem a atacar verbalmente as autoridades mulçumanas, insultando-as em público, nas ruas e nas mesquitas. Dessa forma, eram condenados à pena capital. Mesmo sendo um levante cristão, essa atitude não foi unânime, pois gerou uma ruptura entre eles. A ala mais moderada passou a perseguir a outra mais radical. Assim sendo, começou a se destacar a atuação de dois jovens idealistas em sua fé cristã: Pablo e Eulógio. Esses jovens se conheceram na escola do abade Speraindeo, magister de jovens clérigos. Iniciaram vários estudos teológicos e poesias. Pablo aprofundou seus estudos teológicos; seu companheiro, por sua vez, viajou a Roma e a outros reinos cristãos, trazendo consigo obras de santo Agostinho, Virgílio e outros, que foram importantes para o fortalecimento do cristianismo na Península.

Os dois jovens e seu Magister foram os primeiros cristãos a atacarem sistemática e teologicamente o islã e suas obras. A comunidade cristã se via dividida entre os moderados - que aceitavam o jugo do islã dentro das restrições para professar sua fé - pois seguiam os costumes e falavam o árabe como língua cultural. Havia também aqueles que preferiam esconder a fé cristã do público em geral. (cripto cristão). Em contrapartida, uma parcela dos cristãos via-nos escritos de Pablo, Eulógio e nos Mártires que haviam sido julgados - uma fonte de inspiração. Esses, por sua vez, tinham algumas restrições em relação aos mulçumanos como: não havia espaço para concessões entre eles; não aceitavam nenhuma mistura entre religião e cultura; as duas religiões não podiam conviver simultaneamente (SIMONET, 1897).

Como foi apresentado, a situação da Igreja Ibérica era muito frágil nesse momento, pois havia vários fatores que a estavam abalando em terras Ibéricas. A questão social entre os moçárabes no jugo islâmico era de forma bem dicotômica, pois as elites descendentes dos visigodos mantinham regalias como, por exemplo, a possibilidade de ocuparem cargos públicos, até mesmo no “exército” de destaque na sociedade do emirado, destacavam-se também no exercício de profissões liberais tais como: advogados, médicos, artesãos. Podiam inclusive terem juízes próprios, de origem moçárabe. Tais juízes podiam atuar em sua magistratura, seguindo o código visigodo. Em contrapartida, a maioria da população moçárabe proveniente de estratos mais baixos da população vivia numa situação mais difícil. Essas camadas

da população, compostas por pequenos comerciantes, artesãos e agricultores sofriam com o fisco mulçumano, uma vez que os tributos cobrados eram difíceis de serem pagos. Ampliava as dificuldades dessa parcela da população a redução da mão de obra escrava, que passou a ser escassa em virtude dessas circunstâncias, prejudicando, assim, alguns produtores.

3 SANTO EULÓGIO E OS MÁRTIRES VOLUNTÁRIOS DE CÓRDOBA

Na segunda metade do século IX, Córdoba - a capital do emirado - encontrava-se numa situação agitada, devido aos fatos ocorridos entre as comunidades cristãs moçárabes e as islâmicas. A tensão, por parte dos moçárabes, foi ampliada com a detenção e a execução do presbítero Perfeito, que ganhou repercussão entre os eclesiásticos, principalmente com Eulógio. Posteriormente conhecido como Santo Eulógio, o orientador espiritual e influenciador dos cristãos na busca pelo martírio. Segundo historiadores como Dozy e Roldán, Eulógio nasceu em Córdoba, proveniente de uma linhagem aristocrática, talvez de origem hispano-romana. Seu avô também se chamava Eulógio e foi conhecido pelo fato de nutrir aversão à cultura islâmica; sua mãe se chamava Izabel e seus irmãos: Isidoro, Álvaro e José e as irmãs: Niola e Anulón. Os dois primeiros trabalhavam no comércio e o último era funcionário do emirado; as irmãs eram religiosas (ROLDÁN, 2005).

Desde cedo, dedicou-se aos estudos eclesiásticos na basílica de Santo Zoilo, onde, a priori, foi ordenado diácono e presbítero. Completou sua formação com o abade Esperaindeo, quando conheceu Pablo Álvaro, que se tornaria seu grande amigo e divulgador de suas obras. Juntos estudaram as escrituras e as doutrinas dos santos padres chegando a produzir vários escritos exegéticos e alguns poemas de natureza rítmica. Eulógio conheceu alguns reinos cristãos e trouxe consigo obras e conhecimentos religiosos, que vieram contribuir para a idealização do movimento dos mártires (ROLDÁN, 2005).

Na segunda metade do século IX, ocorreu uma polêmica anti-islâmica, cuja inspiração teria vindo de fontes orientais, pois as obras de Santo Eulógio, o Indículo, e o Apologético de Espiramideo, que havia sido professor de Eulógio, continham dados semelhantes aos de relatos muito anteriores a eles, datados do século VIII - como a obra "História do falso profeta" - que Eulógio teria acrescentado em sua obra, *Apologético de los Mártires*. Sendo assim, a polêmica anti-islâmica supostamente teria vindo de comunidades cristãs do oriente que já haviam passado pelo jugo islâmico e desenvolveram esse pensamento crítico em relação à fé dos conquistadores. Porém, nessa época, as discussões ocorriam em alto nível entre os críticos cristãos orientais, pois teriam um grande conhecimento do Corão e da liturgia islâmica elevando assim os debates de cunho filosófico e chegando até a

discutir certos temas polêmicos como a definição do Verbo e a dupla natureza de Cristo, mantendo um clima de cordialidade e moderação (ROLDÁN, 2005).

Eulógio, Pablo e Espiramideo tinham conhecimento dessas fontes orientais e, a partir delas, fizeram uma versão ibérica da polêmica anti-islâmica, embora não visassem a uma discussão filosófica, litúrgica e também evitassem temas mais polêmicos da religião como faziam os orientais. Como os monges cristãos viviam em monastérios isolados, tinham pouco contato com os islâmicos e também não havia interesse em conhecer informações sobre a religião maometana, gerando assim um desconhecimento teológico. Sendo assim, desenvolveram essa polêmica em Córdoba visando mais a condenar as questões morais - como o paraíso mulçumano e a figura diabólica de Maomé. Dessa forma, observa-se total influência da polêmica anti-herética oriental, em relação a essa elaborada pelos autores ibéricos já citados no início (ROLDÁN, 2005).

O bispo Eulógio detinha um vasto conhecimento filosófico e, por meio dele, começou a compor suas obras e a difundir suas ideias, visando com elas a fazer oposição ao islã e a seus seguidores. Dessa maneira, difundiu e influenciou alguns cristãos a buscarem o martírio.

A situação na igreja era de divisão entre os apoiadores do movimento dos Mártires e seus opositores que tinham, como seu principal articulador, o bispo Recafredo de Sevilha que, por sua vez, mantinha contatos com o Emir. Ambos não viam com bons olhos o movimento de martírio, que vinha ganhando apoio entre as comunidades moçárabes de Córdoba e região. No ano de 851, Recafredo ordenou a prisão de alguns envolvidos no movimento de martírio inclusive de Eulógio e do bispo Saulo. No ano seguinte, após 12 condenações ao martírio, foi realizado um concílio dividindo, ainda mais, a igreja cordobesa entre uma maioria contra o martírio e uma minoria favorável, constituída por religiosos e laicos.

O resultado do concílio foi, por um lado a proibição da busca do martírio e, por outro, tornou mais acirrada a relação entre os cristãos, gerando por parte de alguns a rejeição ao bispo e seus apoiadores e, ainda, a ocorrência de uma ruptura entre as comunidades cristãs e mulçumanas. Essa situação propiciou o desenvolvimento de perseguições aos apoiadores do martírio, gerando, com isso, uma intolerância entre ambas confissões religiosas. Segundo Roldán (2005), a reprovação por parte da comunidade cristã em relação às atitudes praticadas pelo bispo Recafredo acentuou,

ainda mais, a divisão da igreja moçárabe, tornando difícil fazer com que eles se organizassem frente à rápida expansão do poderio islâmico.

3.1 O INÍCIO DO MOVIMENTO DOS MÁRTIRES VOLUNTÁRIOS

Conforme apresentado, o movimento que ficou conhecido como *Mártires voluntários de Córdoba* ocorreu quando as relações entre alguns cristãos moçárabes e islâmicos se encontravam bem tensas, desencadeando encontros teológicos e perseguições por parte do poder islâmico em relação aos cristãos. Tal processo levou a condenações, torturas e à execução de 48 cristãos pelos delitos de proselitismo, profanação, apostasia e blasfêmia. Na sequência, apresentaremos a narrativa deixada por Eulógio de Córdoba referente a alguns desses mártires.

3.1.1 Presbítero Perfecto

O primeiro relato de um processo de martírio em Córdoba, relatado por Santo Eulógio, é referente ao presbítero cordobês chamado Perfeito, homem culto, conhecedor da cultura árabe, em especial da língua e da teologia muçumanas. Na primavera do ano 850, Córdoba, a sede do emirado, foi palco de um distúrbio cultural e religioso entre alguns setores das comunidades moçárabes cristãs e as islâmicas, que estavam cada vez mais tensas. Segundo Eulógio, certo dia, o presbítero Perfeito, em uma caminhada pela cidade, com o intuito de resolver assuntos pessoais, foi instado por alguns islâmicos a apresentar comparações entre o cristianismo e seu profeta Cristo e o islã e seu profeta Maomé. Atendendo à solicitação, o religioso - em árabe fluente – respondeu, aos seus interlocutores, que falaria sobre sua fé, mas preferia evitar comentar sobre o islã e seu profeta, pois poderia ofender seus seguidores⁸. Apesar da sua intenção de não falar, os islâmicos o autorizaram. Diante dessa permissão, ele disse ser um seguidor de Cristo, o único e verdadeiro Deus por séculos e séculos. Ao proferir sobre a religião islâmica, iniciou afirmando que se tratava de uma seita satânica e que seu profeta era um degenerado, que vivia na luxúria e, como tal, ele não passava de um falso profeta,

⁸ Respecto a vuestro profeta dijo, no me atrevo a exponer cómo se Le tiene entre los católicos, porque no dudo que os sentiréis gravemente heridos por ello; pero si media un pacto amistoso y comprometéis pacíficamente vuestra palabra, os diré con qué testimonio del Evangelio se le tacha y qué veneración le tienen los cristianos” (ROLDÁN, 2005).

dogmático que enganava seus seguidores. Ao dizer isso, Perfecto apresentou aquilo que seria o pensamento comum a respeito do islamismo e do seu profeta entre os moçárabes que comparavam o islã a crenças pagãs, comuns na região antes mesmo da chegada dos conquistadores. Segundo Santo Eulógio, o Presbítero Perfecto, seguindo uma passagem do evangelho, falou perante os muçumanos o seguinte:

Muchos falsos profetas vendrán en mi nombre y engañarán a muchos, y obrarán muchas señales y prodigios para inducir a error, si es posible, incluso a los elegidos. De ellos, el mayor de todos es este profeta vuestro invadido por los engaños del antiguo enemigo, seducido por las invenciones de los demonios y entregado a sacrilegios y maleficios, que ha corrompido con mortal venenosos corazones de muchos descreídos y los ha entregado a los lazos de la perdición eterna (ROLDÁN, 2005, p. 102-103).

Os muçulmanos, com quem Perfeito falou, deixaram-no ir ao seu destino, porém, na volta, eles o agrediram e o levaram perante o juiz, acusando-o de fazer proselitismo e de profanar o islã e seu profeta, delitos pelos quais foi encarcerado por um mês e, como consequência, foi decapitado em 18 de abril de 850 (ROLDÁN, 2005).

Após a punição imposta ao presbítero Perfecto, houve uma grande comoção nas comunidades cristãs, principalmente no meio eclesiástico, que incentivou ainda mais a profanação. Assim, muitos postulantes a mártires passaram a renegar e a difamar ainda mais o islã espontaneamente em público, elevando assim o número de condenações. A partir desse episódio, Santo Eulógio começou a desenvolver a ideia de influenciar fiéis a buscarem o martírio, exaltando a fé em Cristo.

Com esse intuito, começou a atuar e, à medida que ia obtendo sucesso, fazia o relato no qual descrevia a vida do mártir. Com esse propósito, compôs a obra *Memorial de los Santos*, na qual relata o processo que levou, ao longo dos anos 850 a 859, 48 cristãos ao martírio. É importante destacar que esses cristãos, para alcançarem o que desejavam, expunham-se publicamente contra determinadas regras existentes no islamismo. Portanto, a atuação de tais candidatos ao martírio foi diferente do que ocorreu com os cristãos dos séculos I e II. No contexto de que estamos tratando, os cristãos provocavam para conseguir o martírio. Para apresentarmos as regras infringidas e a consequente recepção da pena de morte, passamos a apresentar uma síntese dos relatos referentes a alguns dos mártires. Eles foram escolhidos de maneira a exemplificar as regras infringidas. Começamos com o proselitismo.

Conforme determinações islâmicas, os cristãos podiam viver e manter o culto cristão em Córdoba, no entanto eram proibidos de realizarem celebrações religiosas, bem como cultos, fora das igrejas sendo, inclusive, controlada a forma como as celebrações e os cultos deveriam ocorrer dentro das igrejas. De forma alguma era permitida qualquer prática que pudesse ser interpretada pelos islâmicos como sendo algo negativo, em relação à doutrina islâmica.

Nessa direção, uma das principais proibições impostas aos cristãos era o proselitismo, atuação que - se realizada e surpreendida pelos islâmicos – geraria a pena de morte. O impedimento do proselitismo já era um indicativo da pressão exercida pelo islão sobre os cristãos, uma vez que, impedidos de aumentar o seu número, por meio de novas conversões, passavam a ter um declínio do número de fiéis. Tendo conhecimento dessa proibição, ela seria usada por alguns cristãos para conseguir o martírio. Como exemplo, apresentamos uma síntese dos relatos referentes às ações de alguns dos candidatos à obtenção do martírio.

3.1.2 Martírio de Áurea e de seus dois irmãos Adolfo e João

Será apresentado, na sequência, o relato referente ao martírio de Áurea e de seus dois irmãos Adolfo e João, naturais de Sevilha. Conforme o relato de Santo Eulógio, Áurea viveu trinta anos aproximadamente no convento de Cutedlara, onde seguia sua devoção à Virgem Maria e nunca escondeu sua fé cristã perante a sociedade, mesmo vinda de uma estirpe árabe. Era fruto de um casamento misto, comum naquela época. Assim, o seu pai era seguidor do islamismo e sua mãe, uma cristã.

Nessas situações, os filhos eram obrigados a seguirem a fé da família paterna, fato esse, que não ocorreu com Áurea, pois ela seguiu a fé cristã de sua mãe, contrariando a norma aplicada aos casamentos mistos. Foi delatada por familiares que vieram de Sevilha até os arredores de Córdoba onde se localizava o convento, no qual Áurea vivia. Após confirmarem que, além de ela ser cristã, era também seguidora dessa congregação, entregaram-na às autoridades islâmicas, acusando-a de apostasia. Perante o juiz, foi ameaçada de sofrer o cárcere e a pena capital, caso ela não se retratasse e voltasse a seguir o islã. Após ouvir as ameaças por parte do juiz, Áurea se comprometeu a voltar às tradições islâmicas, porém não foi o que ocorreu. Ela continuou a exercer sua fé cristã, com o desejo de seguir os

passos do martírio de seus irmãos Adolfo e João, que foram executados no dia 27 de setembro de 824, sendo os primeiros Mártires julgados e condenados por apostasia. Foi delatada novamente e ouvida pelo juiz. Por essa ocasião, ela deu seu testemunho na fé cristã, fato que a levou a julgamento e condenação, sendo decapitada no dia 19 de julho de 856 e seu corpo jogado no rio Guadalquivir.

3.1.3 As virgens Mártires Nunilon e Alodia

Nunilon e Alodia eram duas irmãs naturais de Huesca, ao norte de Andaluzia, região fronteira com os reinos cristãos. Elas, como Áurea, eram frutos de um casamento misto.

Com a morte do pai, sua mãe casou-se novamente. Por viverem em casa muçulmana, elas não tinham como seguir o cristianismo, situação que só se tornou possível quando foram viver com uma tia materna e, dessa forma, puderam seguir a fé em Cristo. No entanto, elas foram delatadas pelo padrasto, que levou o caso de apostasia ao conhecimento do governador da cidade. Imediatamente elas foram convocadas para serem ouvidas por ele. O interrogador tentou seduzi-las, oferecendo-lhes casamento com jovens de estirpe da sociedade local, além de riquezas, caso voltassem ao seio da fé maometana. Se não aceitassem essa oportunidade, seriam encarceradas, torturadas e julgadas pelo crime de apostasia e receberiam a pena capital, isto é, seriam decapitadas por esse delito. Conforme os relatos, sem titubear, as virgens negaram a proposta do juiz e disseram:

Cómo nos ordenas, juez, que nos apartemos de la religión de Dios nosotras, a quienes su santa piedad nos iluminó con su luz e hizo saber que no hay más riqueza que Cristo, más felicidad que la fe cristiana por la que viven los justos y por la que los santos han vencido reino (ROLDÁN, 2005, p. 113).

Após ouvir o depoimento das duas irmãs, o juiz determinou a exposição das vítimas em praça pública, as quais foram executadas no dia 22 de outubro de 840. Seus corpos ficaram expostos em lugar guardado por soldados, a fim de evitar que fossem resgatados pelos cristãos. Por fim, foram jogados no rio Guadalquivir.

3.1.4 Witesindo

Esse caso é de um Mártir de idade avançada, oriundo da região de Cabra, que havia se convertido ao islamismo e depois teria voltado à sua antiga fé cristã,

sendo acusado e julgado pelo delito de apostasia. Após sua confissão, foi condenado à pena capital, no ano de 855 (ROLDÁN, 2005).

3.1.5 As Mártires santas virgens Flora e Maria

Desde muito cedo, a jovem Flora, segundo Eulógio, mostrava aptidão para servir os propósitos do cristianismo, construindo seu espírito para se dedicar a essa doutrina. Já na infância, havia abdicado da vida mundana. Esse fato fora observado por sua mãe, que havia percebido a devoção da filha em seguir e servir a Cristo. Em época da quaresma, ela jejuava, doando seu alimento aos necessitados. Apesar de toda essa fé, a jovem não se expunha participando de reuniões juntamente com os fiéis, temendo que seu irmão, que era seguidor da fé maometana, a entregasse às autoridades mulçumanas. Por meio dessa atitude de Flora, observa-se que ela poderia ter agido como uma cripta-cristã, a qual escondia sua fé perante a sociedade islamizada de Andaluzia. Essa situação tornou-se insustentável, levando-a a fugir, com uma irmã, para conviver com os cristãos. Foi nessa ocasião que seu irmão passou a procurá-la pelas igrejas e conventos por toda região, perseguindo e prendendo os religiosos, que supostamente a ocultaram nesse período. Essa atuação do irmão de Flora a fez regressar para o seu lar. Ao voltar, foi levada à força por seu irmão até a presença do juiz, alegando que sua irmã, quando mais nova, seguira, juntamente com ele, os preceitos da fé islâmica e que ela vinha sofrendo influência dos cristãos para abandonar o islamismo. Nesse momento, o juiz perguntou a Flora se o que seu irmão havia dito era verdadeiro. Foi quando ela desmentiu seu irmão, dizendo que não tinha conhecimento da religião islâmica e era seguidora do cristianismo e fez o seguinte pronunciamento “*Es a Cristo a quien conozco desde mi infancia, con sus enseñanzas he sido educada, como Dios he decidido tenerlo y Él he prometido la integridad de mi cuerpo para disfrutar un dia de.*

Com esse testemunho, fez com que o juiz ordenasse que fosse castigada por dois guardas, que bateram em sua cabeça fazendo com que seus cabelos se desprendessem do couro cabeludo. Após isso, entregaram-na ao irmão, para que a levasse para casa e fosse tratada do ferimento e doutrinada na religião islâmica e depois apresentada novamente ao juiz, caso não houvesse se convertido. Conforme o relato, depois de se recuperar, Flora fugiu novamente de sua residência e foi

acolhida pelos cristãos. Após algum tempo, refugiou-se na aldeia de Osera (atual Torredonjimeno), nas proximidades da cidade de Martos (ROLDÁN, 2005).

Outra mártir, filha de casamento misto foi Maria, natural da cidade de Niebla, província de Huelva, filha de pai cristão e mãe de origem árabe, porém convertida pelo marido ao cristianismo. Assim sendo, foi obrigada a sair de sua terra, pois não era permitido nem continuar a viver com sua esposa porque, devido à lei islâmica vigente, era proibido a um cristão casar-se com uma mulçumana. Em virtude dessa norma, a família foi residir no povoado de Froniano, localizado na serra de Córdoba, a 19 km a oeste da cidade, onde viviam com seus recursos. Após a morte da mãe, Walabonso e Maria foram enviados pelo pai a ordens religiosas. O jovem rapaz foi estudar as regras eclesíásticas com o presbítero Salvador no mosteiro de São Felix, vindo a ser ordenado diácono. Morreu como mártir, juntamente com o presbítero Pedro e mais outros religiosos do mosteiro de Santo Zoilo, no dia 07 de junho de 851.

Maria foi congregada no convento de Cuteclara, a qual foi recebida e orientada por Artemia, mãe de dois Mártires - Adolfo e João - que haviam sido executados no ano de 822. Com a morte do irmão, ficou sozinha e passou a se dedicar mais à vida religiosa. Segundo Eulógio, seu irmão teria aparecido em um sonho de uma religiosa e dito que Maria deixasse de chorar, pois logo eles estariam juntos no reino do céu. Desde então, ela começou a se dedicar mais ainda à sua religiosidade, até o dia em que, tomada por um ímpeto de coragem, resolveu ir até o juiz e dar seu testemunho de fé. Porém, antes disso, passou pela igreja de Santo Acisclo, para fazer suas orações antes de realizar o que havia decidido. Nessa ocasião, encontrou Flora, que fazia também suas orações. Ambas visavam a alcançar aquilo que consideravam como as honras do martírio. Conforme a narrativa, esse momento marcou o início de uma amizade e cumplicidade, pois comungavam das mesmas convicções religiosas e culturais, naquele contexto, em relação ao islamismo e suas leis. Movidas por esse ideal religioso, as duas decidiram seguir os passos do martírio e se apresentarem perante o juiz mulçumano e darem seu testemunho.

A primeira a falar foi Flora, que proferiu as seguintes palavras, conforme foi registrado pelo bispo Eulógio:

Heme aquí, yo soy aquella que, por haberme consagrado a Cristo cuando había nacido de linaje gentil, fui azotada cruelmente por vosotros hace poco para que renegara de Él. Hasta ahora me he escondido huyendo de acá

para allá por la debilidad de mi carne, pero ahora, confiada ya en el poder de mi Dios, no temo presentarme en vuestro palacio y con la misma firmeza que al principio confieso que Cristo es en verdad Dios y declaro que vuestro criminal dogmatista es un falso profeta, un adúltero, un hechicero y un brujo (ROLDÁN, 2005, p. 119).

Logo após, Maria deu o seu testemunho dizendo:

Y yo, juez, que un día tuve un hermano entre aquellos excelentes mártires que murieron por denostar a vuestro profeta con no ligeros insultos, con igual valentía sostengo que Cristo es en verdad Dios y declaro que vuestra religión y ritos sagrados son invenciones de demonios (ROLDÁN, 2005, p. 119).

Diante da declaração feita por Maria, o juiz ordenou, de imediato, a prisão das duas jovens cristãs. Conforme o relato, foram levadas ao calabouço juntamente com prostitutas. Durante o período em que estiveram presas, elas rezavam, cantavam hinos de louvor e jejuavam, preparando-se para alcançar o tão esperado martírio, que se consumou no dia 24 de novembro de 851. Os corpos foram deixados no local da execução para que fossem comidos pelos cães e aves. Os restos mortais de Maria foram sepultados no convento de Cateclara e dos de Flora não se sabe o paradeiro. Quanto às suas cabeças, segundo o relato de Eulógio, repousam na igreja de Santo Acisclo.

Conforme relatado por Eulógio de Córdoba, Aurélio, como na maioria dos casos de martírio, provinha de uma família abastada e de um casamento misto. Ainda na sua infância, ficou órfão de mãe, porém foi criado por uma tia materna, fervorosa cristã que o doutrinou no cristianismo. Embora tenha aprendido a cultura árabe, por imposição de seus familiares paternos, nunca teve dúvida sobre qual era a sua verdadeira fé. Com o passar do tempo, na adolescência, viu-se forçado por seus parentes a procurar um casamento, como era o costume naquela época. Surgiu uma moça de boa família, dotada de bons costumes e de grande beleza física e espiritual chamada Sabigotón, fruto de um casamento mulçumano. No entanto, o pai havia falecido e sua mãe contraíra um novo casamento com um cristão que seguia a fé de forma oculta (cripto-cristão). Ele, de forma secreta, apresentou à enteada os valores da fé cristã, que foi abraçada por ela com veemência. Aurélio e Sabigoton se conheceram, noivaram, casaram-se e continuaram a seguir, com muita devoção, o cristianismo, porém de maneira oculta.

Diante das condições impostas pelos islâmicos à comunidade cristã, Aurélio também se sentiu motivado a reagir mediante a busca do martírio. A decisão ocorreu por ocasião do julgamento e condenação de um cristão chamado João.

Antes da execução, os muçulmanos fizeram uso dele para humilhar os cristãos. A mando das autoridades islâmicas, João foi colocado em um burrinho e nele foi amarrado com correntes. Dessa maneira, desfilaram com ele pelas ruas de Córdoba onde recebia xingamentos, provocações e ameaças de execução. Essa punição ocorria pelo fato de ele ter sido acusado de ter maldito o profeta Maomé. Ao assistir a esse ritual, Aurélio se sentiu, segundo o relato de Santo Eulógio, tomado por um ímpeto de indignação e movido por um sentimento de identidade cultural e religiosa, tomou a decisão de iniciar uma preparação física e espiritual para alcançar o martírio. Com essa decisão, voltou para sua residência e comunicou à sua esposa Sabigotón o que havia assistido e a decisão que havia tomado. Disse a ela que passaria desde então a se preparar para o martírio. A decisão do rapaz foi aceita de imediato por sua companheira e Mártir, a qual se colocou a serviço da causa de Deus.

O casal continuou a viver juntos, porém não como cônjuges, mas sim como irmãos, pois separaram os quartos e abdicaram da relação carnal para uma relação fraternal. Então, iniciaram os preparativos com muitas orações, hinos religiosos e jejuns, além de terem vendido grande parte de seus bens e distribuído aos pobres e aos mosteiros masculinos e femininos da região. Chegaram a acompanhar no cárcere as virgens Flora e Maria, também o monge Isaac e os demais encarcerados e posteriormente executados.

A relação com aqueles que já estavam presos em virtude dos ataques que haviam feito ao islã foi intensa. A presença deles no dia a dia do jovem casal era constante. Exemplo disso é expresso no relato no qual é narrado o sonho que Sabigoto, esposa de Aurélio, teve com as já mártires Flora e Maria. Conforme a narrativa, elas - aparecendo em sonhos a Sabigoton - diziam palavras de incentivo e conforto para que aqueles que desejavam seguir o caminho do martírio prosseguissem com esse objetivo. Conforme o relato:

Los beneficios de vuestro esfuerzo están guardados en los cielos y preservados para que los cosechéis en el momento preciso; y no se echará a perder la recompensa de los inscritos para el combate ya que empuja a lo muy invictos atletas a ir al Reino (ROLDÁN, 2005, p. 127).

Após a aparição em sonho, o casal intensificou os preparos para o martírio. Tal preparação durou nove meses. Nesse período, passaram a rezar e jejuar com mais intensidade. Para melhor se preparar e pedir instruções e mais informações a respeito do martírio, Aurélio procurou Álvaro, um grande conhecedor das escrituras

sagradas. Após conhecer alguns relatos que apresentavam o enfrentamento pelo qual alguns dos mártires já haviam passado, o postulante a mártir, cujo desígnio nenhum suplício faria abandonar, pronunciou seguintes palavras, conforme o relato:

Para mí, dijo el mayor consuelo de la vida es Cristo y la muerte una ganancia, pues tengo la existencia en la tierra por la tiniebla de una tenebrosissima noche y el recuerdo de la muerte en el mundo exhala el aroma de la luz eterna (ROLDÁN, 2005, p. 129).

Outro casal que posteriormente se tornaram mártires foi Felix e Liliesa. Felix era parente de Aurélio e ligado a ele pelo vínculo religioso. Também de família mista, viu-se proibido de praticar o cristianismo abertamente, sob o risco de ser julgado por apostasia. Casou-se com Liliesa de família cristã, que seguia a religião em segredo. Segundo Eulógio, os dois jovens se conheceram e viveram um amor perfeito desde o início do relacionamento. Noivaram e contraíram o matrimônio.

Movidos pela intenção de alcançar o martírio, dispuseram-se dos seus bens, fazendo doações às pessoas necessitadas e aos mosteiros da região. Oravam, jejuavam e meditavam sempre, na intenção de estarem preparados para alcançar a glória do martírio.

Para serem pegos pelos muçulmanos e, como consequência, serem presos e condenados à morte, elaboraram uma estratégia. O ponto de partida foi pensado a partir de uma ação a ser feita pelas mulheres – Sabigoton e Liliesa. Combinaram que as mulheres iriam até a igreja com os rostos descobertos, causando assim um questionamento por parte dos muçulmanos, que indagariam seus maridos sobre a razão: “Es costumbre de los fieles visitar las Iglesias y buscar los templos de los venerables mártires con piadosa y devota intención. Por ello, porque somos cristianos, declaramos llevar el estandarte de esta fe” (ROLDÁN, 2005, p. 133).

Após esse episódio, Aurélio foi se despedir de seus familiares e filhas, dando o beijo da paz e aguardou o momento do martírio. O juiz, conhecendo esse fato, ordenou que os soldados fossem à captura desses cristãos. Cercaram a residência deles e, aos gritos ofensivos, exigiam que saíssem para serem levados à presença do juiz. Nessa circunstância, segundo Eulógio, os jovens cristãos saíram como se estivessem indo para uma festa, pois estavam determinados a irem para o tão esperado julgamento. Ao chegarem à presença do juiz, foram recebidos com palavras suaves, com as quais o juiz visava a fazer com que seguissem a fé islâmica. Pretendendo que eles aceitassem o islamismo, foram-lhes oferecidos também bens materiais. Porém, o empenho do juiz não foi aceito pelos jovens que

renegaram a oferta. Diante disso, foram enviados ao cárcere, onde permaneceram até a data da execução, 27 de julho de 852. Nesse dia tão esperado pelos jovens cristãos, ao saírem da detenção para o local onde seria feita a execução, os guardas haviam liberado o monge Jorge do desígnio da execução, pois ele era estrangeiro. No entanto, ele já estava decidido a se sacrificar pela fé cristã. Para tanto, ele profanou o islã e seu profeta e também deu seu testemunho de fé proferindo as seguintes palavras:

Por qué, príncipes, dudáis de mi fe, que no he manifestado delante de vosotros, o creéis que yo pienso algo favorable del discípulo de Satán? Pues yo, para que lo sepáis muy bien, creo que aquel ángel que se le apareció a vuestro maestro transfigurándose le en el espíritu de la luz fue un demonio, y a ése lo considero el más abyecto de todos los hombres, como creyente del diablo, ministro del Anticristo y laberinto de todos los pecados, que no sólo se sumergió a sí mismo en el abismo del infierno, sino que también os entregó a vosotros, sus secuaces, a los fuegos eternos por medio de sus vanos preceptos (ROLDÁN, 2005, p. 135).

A partir daquele momento, recebeu agressões físicas e foi executado juntamente com os demais. Conforme o relato, o primeiro a ser executado foi Felix, seguido pelo monge Jorge, cujo corpo foi resgatado pelos cristãos moçárabes durante a noite⁹. Sepultaram-nos em lugares diferentes. Os restos mortais do monge Jorge e os de Aurélio foram guardados no mosteiro de Peñamelaria. O corpo de Felix foi sepultado do outro lado do rio, na igreja de San Cristóbal; Sabigotón foi colocada junto às cinzas dos Três Santos (Fausto, Genaro e Marcial); e na igreja de Ginés foram guardados os restos mortais de Liliosa.

Os relatos apresentados, exceto o do Monge Jorge, têm em comum o fato de serem caracterizados pela apostasia. Revelam a condição de muitos cristãos, frutos de casamentos mistos. Essa situação fazia com que muitos cristãos vivessem e

⁹ Jorge, cuja origem encontrava-se no oriente próximo. Segundo Eulógio, ele tinha um considerável conhecimento do islã e sua forma de governar nos rincões por ele conquistados. Além disso, o monge era um poliglota, pois tinha conhecimento dos idiomas grego, latim e árabe. Sua devoção à fé cristã o acompanhou desde a sua adolescência, sendo que, aos vinte e sete anos, passou a fazer disciplina regular no mosteiro de Santo Sabas, localizado a doze quilômetros de Jerusalém e era administrado pelo Abade David nessa época. Jorge foi enviado para a África, com o intuito de conseguir sustento para os monges. Nessa sua empreitada, andou por muitas terras e mares, convivendo com os riscos do percurso por onde passou até que chegou à Andaluzia e se comoveu com a maneira como as comunidades cristãs moçárabes eram assediadas pelos conquistadores islâmicos. Era um homem humilde e dedicado a sua fé e mantinha alguns hábitos como se alimentar pouco, misturar água ao vinho, orar, praticar vigília e evitar tomar banho - vivia como um ermitão. Foi o único dos 48 mártires a ser condenado pelo delito de profanação, pelo fato de ser cristão, enquanto seus companheiros de martírio foram condenados pelos delitos de apostasia e heresia, pois eram frutos de casamentos mistos.

praticassem a sua fé às escondidas, pois corriam o risco de serem acusados de apostasia e heresia. Observamos que o lado cristão era o materno.

A fé exaltada dos cristãos mencionados os levou a terem visões de anjos, santos e de cristãos cordobeses que haviam sido executados antes deles. As aparições funcionavam como meio de consolo e incentivo, motivando-os a sacrificarem suas próprias vidas pela fé cristã, alcançando assim a glória do martírio.

3.2 EXECUÇÕES POR PROSELITISMO E PROFANAÇÃO: O EXEMPLO DO MONGE ISAAC

Isaac provinha de uma família abastada, conhecia a língua árabe e exercia o cargo de coletor de tributos para o emirado, quando resolveu abandonar toda uma vida requintada para viver na simplicidade da vida monástica. Para tanto, foi até a casa de seu tio Jeremias que, juntamente com a sua esposa Izabel e outros familiares, haviam se recolhido em um mosteiro. Ali, Isaac passou três anos sendo instruindo pelo abade Martín. Após esse período preparatório, ele procurou o juiz e deu seu testemunho de fé. Conforme o relato, quando chegou diante do juiz, proferiu as seguintes palavras: “*Quisiera, juez hacerme un esforzado seguidor de vuestra fe, con tal de que no tardes en exponerme su contenido y fundamento*” (DOZY, 2015).

Diante da solicitação feita pelo monge Isaac, o juiz apresentou-lhe a religião islâmica. Disse em relato que *de buen grado, con los carrellos llenos y la garganta henchida, con mentirosa lengua y palabras que crujian bajo la cavidade de su paladar, expuso su doctrina al joven, como a un discípulo decidido a confiarse a su fe, y así proclamo que el fundador de esta secta suya era Mahoma, quien, ilustrado por el magistério del ángel Gabriel, recibió del Altísimo la revelación para comunicarla a los pueblos, instituyó su ley, explicó el paraiso y enseñó que el reino de los cielos estaba lleno de festines y lúbricas mujeres* (DOZY, 2015).

Após ouvir essas palavras do juiz, Isaac o interrompeu e disse que *os ha mentido-, así se pudra por maldición divina! –quien, enredado em tamaño crimen, se ha echado sobre multitudes de tantos perdidos y los ha entregado consigo a la sima de los infiernos. Em efecto, esse endemoniado, por apoyar los engaños del demônio y dar a los enfermos una bebida mortal, sufrirá muerte y perdición eterna. Vosotros que estais adornados de sabiduria, ¿poque no abjurais de tales peligros. ¿por qué*

no renunciáis al câncer de um credo pestífero y preferís la eterna salvación del Evangelio de la fe cristiana¿ (DOZY, 2015)

Após ouvir essas palavras, conforme o relato, o juiz: *...turbado por um enorme estupor y como fuera de sí, lloró copiosamente y, presa de suestupefacción, apenas pudo contestar a las recriminaciones del monje. De esa manaera le golpeó la cara com toda la mano*". Diante disso o monge: *¿Te atreves a herir um rostro semejante a la imagen de Dios? Mira qué cuentas vas tener que rendir por esto (DOZY, 2015).*

Como consequência do ato do juiz, os sábios que estavam com ele o repreenderam por ter agido por si mesmo ao golpear o monge. Segundo eles, não teria necessidade de fazer aquilo, pois, segundo as leis islâmicas, *no se ha de afligir com pena de injuria alguna a quien por su crimen merece morir*. O juiz retomando a sua função disse: *Acaso por estar lleno de vino o preso de locura no puedes reparar en lo que declaras, pues es firme e incontestable sentencia de nuestro profeta, al que imprudentemente atacas con tus demuestos, que se condene a muerte a quienes no temen hacer tales manifestaciones sobre el (DOZY, 2015).*

Ao que o monge respondeu: *Por lo que a mí respecta, juez, ni estoy lleno de vino ni consumido por mal alguno, sino que os he expuesto la verdade abrasado por mi amor a la fe de la que Vosotros y vuestro profeta, según compruebo, careceis; por ella, si me encontrasse com uma muerte furibunda, la aceptaria gustos, la afrontaria sereno y no apartaria de su infortúnio mi cuello, pues sé que el Señor há dicho: “Bienaventurados los que sufren persecución por causa de la justicia, poque de ellos es el reino de los cielos (DOZY, 2015).*

Após o monge dizer essas palavras, o juiz disse: *despues de mandarlo a la cárcel, notificó de inmediato su caso al rey, quien al punto, aterrado por la circunstancia de tamaña acusación, em um acceso de ferocidade hizo publicou feroz edicto diciendo que por doquier sería reo de muerte quien insultara así al autor de su fé (DOZY, 2015).*

Como consequência, o monge Isaac foi julgado e condenado. Morreu enforcado no dia 03 de março de 851. Seu corpo ficou pendurado na forca, juntamente com os dos outros executados. Ainda tiveram os corpos queimados e as suas cinzas foram jogadas no rio Guadalquivir.

3.2.1 Mártires: Sancho (e os outros?)

Conforme consta nos relatos de Eulógio, Sancho havia sido levado à Andaluzia como cativo. Era proveniente da cidade de Aps, na região da Galia Comata. Fez parte da guarda pessoal do Emir por um período, quando teve acesso aos ensinamentos de Eulógio, aproximando-se da doutrina cristã, fato que o fez também seguir o caminho do martírio, ser condenado e executado. Foi empalado, por não se converter ao islã. A execução ocorreu, conforme a narrativa, em 05 de junho de 851.

Os mártires Pedro, Walabonso, Sabiniano, Wistremundo, Habencio e Jeremias correspondem a um grupo de jovens cristãos, oriundos da região de Córdoba. Pedro era natural da cidade de Écija e Walabonso era de Niebla. Ambos foram a Córdoba com o intuito de estudar. Alcançaram o objetivo e se destacaram em ciência e em doutrina das escrituras. Tiveram, como mestre, o abade Frugelo do monastério de Santa Maria, localizado no povoado de Cuteclara, ao oeste de Córdoba.

Já Sabiano era natural do povoado de Froniano, localizado na serra de Córdoba. Por ocasião de sua execução já possuía idade avançada. Wistremundo era jovem. Sua cidade de origem era Écija e estava no monastério de Santo Zoilo. Habencio, era ancião e natural de Córdoba. Vivia no mosteiro de Santo Cristobal, localizado à margem do rio Guadalquivir. Jeremias também era ancião. Levados a presença do juiz, esses religiosos deram o seu testemunho dizendo:

Tambien nosotros, juez, nos mantenemos en la misma profesión de fe con la que hace poco han caído nuestros santísimos hermanos Isaac y Sancho. Ejecuta tu sentencia, acumula tu crueldad y estalla en venganza de tu profeta con todo tu furor, porque confesamos que Cristo es en verdad Dios, declaramos que vuestro profeta es el 'precursor del Anticristo y autor de un dogma impío, lamentamos saber que vosotros, por estar manchados con el mortal veneno de su revelación y por haber bebido de la ponzoñosa predicación del Diablo, vais a sufrir en un futuro los tormentos eternos, y deploramos mucho vuestra cegueira e ignorância" (ROLDÁN, 2005, p. 108-109).

Após essas declarações, todos os seis foram condenados à morte. Pedro e Walabonso foram os primeiros a serem executados e, na sequência, os demais. Conforme o relato de Eulógio, essas execuções ocorreram no dia 07 de julho de 851.

3.2.2 O diácono e mártir Sisenando

Sisenando era natural de Beja (cidade localizada em território que atualmente pertence a Portugal). Foi estudar em Córdoba, onde ficou instalado na igreja de Santo Acisclo. Conforme o relato de Eulógio, Sisenando recebera um convite para assistir à execução de alguns daqueles que buscavam o mártírio, dentre eles Pedro e Walabonso, pois tinha com eles laços de amizade e, até mesmo, devoção.

Certo dia, já encarcerado, enquanto estava escrevendo uma carta a um amigo, a fim de responder uma pergunta, começou a sentir um entusiasmo indescritível e, mal terminou de redigir alguns parágrafos, levantou-se do lugar onde estava e entregou o que havia escrito ao mensageiro para que entregasse ao destinatário. Nessa circunstância, disse ao mensageiro: “vete ya, hijo, no sea que te arrolle el ímpetu de los esbirros, porque el poder las tinieblas há ordenado sacar meya de la cárcel y me va a exponer ahora ante sí para decapitarme” (ROLDÁN, 2005, p. 109). Naquele momento, foi espancado pelos carcereiros e levado até o juiz e, na sequência, executado. Era o dia 16 de julho de 851. Seus restos mortais foram achados tempos após sua morte e foram sepultados na igreja de Santo Acisclo.

3.2.3 Os martírios do diácono Pablo e do monge Teodomiro

Pablo e Teodomiro eram naturais de Córdoba. Desde a juventude, conforme o relato de Eulógio, mostravam-se bondosos e sensíveis, ajudando muito os presos. Estudaram disciplinas espirituais na igreja de Santo Zoilo. Eram admiradores do mártir Sisenando e o tinham como exemplo a ser seguido. Não tiveram medo de expor suas convicções religiosas perante os islâmicos. Alegavam que Cristo era o único Deus e profanaram o islã e o seu profeta Maomé. Como consequência, foram encarcerados. No cárcere, Pablo conheceu um presbítero da cidade de Beja chamado Tiberino, que fora encarcerado havia aproximadamente vinte anos, sem saber o real motivo de sua detenção. Na prisão, perdera toda sua juventude e definhava na velhice, quando - de uma forma desesperada - pediu ao diácono Pablo o seguinte: *Obtén mi libertad ante el Señor, santo Ministro, y cuando llegues coronado ante Cristo, aparta de mí con tu digna intervención la prolongada inmundicia de la cárcel*”. Pablo prometeu então, que faria de tudo para consumir esse desejo. Pouco tempo depois do martírio de Pablo, o presbítero foi libertado e

regressou a sua cidade natal, Beja. A execução do cordobês Pablo foi no dia 20 de julho de 851. Seu corpo foi deixado por alguns dias na porta do palácio e resgatado às escondidas pelos cristãos e sepultado na igreja de Santo Zoilo. Cinco dias depois, em 25 de julho de 851, foi também martirizado o monge Teodomiro de Carmona. Seu sepultamento também ocorreu na igreja de Santo Zoilo (ROLDÁN, 2005, p. 110-111).

3.2.4 Os monges e mártires Cristóbal e Leovigildo

O jovem Cristóbal acompanhava, desde a infância, os ensinamentos religiosos próprios do cristianismo. Ingressou no mosteiro de Santo Martin, localizado na serra de Córdoba em um lugarejo chamado Rojana. Lá se dedicou à sua religiosidade, seguindo um padrão de santidade. Tomou conhecimento da atuação de cristãos que estavam buscando o martírio como prova e testemunho de fé. Movido por isso, tomou a iniciativa de se apresentar ao juiz. Como nos demais casos, ele fez seu testemunho pregando o evangelho e os sacramentos da fé cristã e, após, começou a profanar o islã e seu profeta, afirmando que seus seguidores sentiriam o fogo do inferno. Assim sendo, imediatamente o juiz ordenou sua detenção, ficando acorrentado no cárcere até sua condenação.

Leovigildo, natural de Granada era jovem e muito religioso. Vivia no mosteiro dos Santos Justo e Pastor, localizado também na serra de Córdoba, num lugar chamado Fraga distante aproximadamente 40 quilômetros de Córdoba. Movido pelo clamor do martírio, também resolveu dar seu testemunho de fé ao juiz. Devido a essa iniciativa, foi agredido pelos guardas e levado ao cárcere. Na prisão, os postulantes a mártires se confraternizaram, rezaram e se prepararam para a execução, que ocorreu no dia 20 de agosto de 852. O primeiro a ser executado foi Cristóbal e, em seguida, Leovigildo. Seus corpos foram jogados na fogueira, porém - antes que virassem cinzas - foram resgatados pelos cristãos moçárabes e sepultados na igreja de San Zoilo (ROLDÁN, 2005, p.137-138).

3.2.5 Os Mártires Émila e Jeremias

Émila e Jeremias eram dois jovens de família tradicional de Córdoba. Desde a infância haviam sido instruídos na igreja Santo Cipriano onde um se tornou diácono

e o outro um secular. Conheciam a língua árabe. Conforme o relato de Santo Eulógio, Èmila tinha aptidão para fazer discurso e neles, geralmente, apresentava várias reclamações referentes ao profeta e seus dogmas. Gerou, assim, um temor por parte dos islâmicos, pois viam nos martírios uma verdadeira ameaça à manutenção do emirado, o que poderia levar a um conflito religioso. Assim sendo, como nos demais casos, os dois jovens foram encarcerados e depois executados no dia 15 de setembro de 852. Seus cadáveres ficaram expostos no andaime e, depois, foram colocados no outro lado do rio. (ROLDÁN, 2005, p. 137-138).

3.2.6 Os Mártires Rogelio e Serviodeo

Os monges Rogelio e Serviodeo atacaram também o islamismo. Consideraram-no inimigo da comunidade moçárabe cristã. O monge Rogelio já era ancião e eunuco. Nascido na cidade de Granada, teria vindo de um lugarejo chamado Parapanda (atual aldeia de Alomartes).

O Mártir Serviodeo, castrado quando jovem, chegara havia pouco tempo do oriente próximo para viver na capital do emirado em Andaluzia. Ambos se uniram no ideal do martírio e não se separaram mais até o esperado dia. Eles, então, resolveram entrar na mesquita onde os mulçumanos se reuniam para suas orações, Isso, segundo a lei islâmica, já era um motivo para serem condenados. Tomaram a palavra e fizeram assim o proselitismo de sua fé e profanaram o islã e seu profeta; falaram mal de sua comunidade e costumes, causando um grande tumulto, quase os levando ao linchamento. Foram naquele momento, salvos pelo juiz, que os apartou da multidão enfurecida e os encarcerou juntamente com condenados perigosos, que haviam cometido vários tipos de delitos. Por causa desses atos, foram condenados à morte e tiveram mãos e pés cortados antes da decapitação ocorrida no dia 16 de setembro de 852. Seus corpos mutilados ficaram no andaime, depois foram crucificados e colocados na outra margem do rio. (ROLDÁN, 2005, p. 138-139).

3.2.7 Mártir Fandila

Fandila era oriundo da cidade de Guadix. Passou a viver em Córdoba para estudar e se dedicar à vida monástica no mosteiro de Tabanense. Lá foi instruído pelo abade Martín e, devido a sua humildade e devoção, logo se tornou um

sacerdote. Nessa condição, foi para o mosteiro de Santo Salvador, localizado ao norte da cidade de Córdoba. Essa mudança de mosteiro ocorreu contra a sua vontade, pois havia sido uma imposição do abade. Assim sendo, o jovem sacerdote começou a intensificar seus jejuns, vigílias e orações, numa preparação física e espiritual para alcançar, enfim, a honra do martírio. Numa ocasião, o jovem se apresentou perante o juiz e deu seu testemunho de fé e profanou a religião islâmica e seu profeta Maomé, declarando: *“Que su comunidad, mezclada con las sociedades de un nocivo culto, habria de sufrirlos fuegos gendadores de los castigos si no recobraba el juicio y aprendia la piadosa Fe”*. (ROLDÁN, 2005, p.150-151). Após seu depoimento, foi imediatamente preso e jogado ao cárcere, todo acorrentado, em meio a ladrões, para aguardar sua condenação. Foi o primeiro caso de execução ocorrido no reinado de Mohamed I, no dia 13 de junho de 853, sendo decapitado e seu corpo foi pendurado na forca (andaime) no outro lado do rio.

3.2.8 Os mártires Anastásio, Felix e Digna

Anastásio, desde muito novo, foi instruído nas letras e disciplinas eclesiásticas na igreja de Santo Acisclo em Córdoba onde passou toda sua juventude como diácono e, posteriormente, foi ordenado sacerdote. Como nos demais casos, Anastásio se dirigiu ao palácio e perante as autoridades islâmicas deu seu testemunho e, em seguida, profanou o islã com veemência. Como consequência, foi decapitado. Juntamente com ele, foi executado o monge Felix, que era natural de Alcalá, vivera na Astúrias, era gentil e aprendera a fé cristã e a vida monástica. Assim como em outros relatos, nesses também se faz presente a menção de aparições de cristãos já martirizados que encorajavam aqueles que buscavam o martírio a continuarem com os propósitos de alcançarem o seu objetivo. Nesse caso, uma jovem religiosa teve a visão de uma jovem muito bela, que trazia em suas mãos rosas e lírios e pronunciou essas palavras:

Soy Águeda, despedazada tiempo ha por causa de Cristo con cueles suplicios> he venido ahora a darte parte de este purpúreo presente. Acepta de grado el obsequio y actúa valerosamente en el Señor, que el resto de las rosas y los lirios que guardo en las manos se las voy a dar a los que van a marcharse de este lugar después de ti(ROLDÁN, 2005, p. 152-153).

No mesmo dia, quando ela recebeu a notícia dos martírios de Anastásio e Felix, saiu silenciosamente do convento e seguiu até o local da execução e, perante

o juiz, questionou o motivo das execuções. E afirmou que seria pelo fato de eles serem cristãos e crentes da Santíssima Trindade e do Deus verdadeiro e maldisse a religião maometana. Nesse momento, o juiz a condenou e a entregou nas mãos dos carrascos que a decapitaram imediatamente, no dia 14 de junho de 853. Seus corpos foram dependurados no outro lado do rio.

3.2.9 A mártir Benilde

Era uma mulher de idade já avançada e muito temente a Deus que foi condenada pela profissão da fé e executada no dia 15 de junho de 853. Seu corpo foi queimado e jogado ao rio, juntamente com os corpos de outros mártires.

3.2.10 A mártir Santa Columba

Columba era uma jovem de família tradicional de Córdoba, irmã do abade Martín e de Izabel, casada com Jeremias. Esse casal havia se declarado cristão, publicamente. Viviam no mosteiro onde a jovem Columba passou a estar com certa frequência. Esse fato levou sua mãe a tentar impedi-la de se envolver com a irmã e o cunhado, pois não aprovava a atitude deles. A seu ver, eles poderiam induzir a jovem ao martírio, fato que realmente veio a ocorrer. Sua mãe desejava que ela se casasse seguindo costume da época. Porém, com o adoecimento e morte da mãe, Columba se sentiu livre para seguir os seus propósitos até alcançar o martírio.

Após a morte da mãe, Columba foi viver com sua irmã em Córdoba por algum tempo, até se mudarem para o mosteiro Tabanense, que havia sido construído recentemente, onde passou a ter uma vida monástica, dedicando-se vida à causa religiosa. No período em que ela permaneceu com Martín e Isabel, destacou-se na: honestidade, humildade, simplicidade, castidade, caridade, obediência, misericórdia. Gostava de cantarolar uma canção, que fazia referência aos martírios, a qual dizia o seguinte: “Ábreme, señor, la puerta del paraíso para que vuelva a la patria donde no existe la muerte, donde perdura un dulce gozo”. Conforme o relato, a jovem pediu para ficar isolada de todos os outros no mosteiro, ficando numa cela, onde passava horas orando, jejuando e fazendo vigílias. Há relatos de que ela passava horas meditando e chorando de tal forma que chegava a molhar tudo em sua volta. Como nos demais casos ela saiu do monastério e foi procurar pelo juiz e dar seu

testemunho de fé, exaltando o cristianismo e difamado o islã juntamente com seu profeta Maomé e seus seguidores. Foi imediatamente condenada à decapitação, que ocorreu em praça pública em 17 de setembro de 853. Seu corpo não ficou pendurado no andaime (forca) como os demais. Foi jogado no rio logo após sua execução e resgatado seis dias depois por alguns monges, que fizeram uma cerimônia honrosa na igreja de Santa Eulália localizada no povoado de Fragelas,

3.2.11 A virgem mártir Pomposa

Procedente do mosteiro de Santo Salvador, vivia com seus pais e parentes no mesmo mosteiro em que havia vivido o Mártir Fándila. Quando Pomposa observou a vida santa de seus pais e amigos próximos, foi a Córdoba, lugar onde haviam nascido e fez votos de desprezar a vida mundana, de manter a castidade e se desprender dos bens materiais.

Seus pais haviam vendido os bens e construído o mosteiro de Peñamelaria onde, como os demais aspirantes ao martírio, ela orava, jejuava e fazia vigília, na intenção de obter preparo físico e espiritual para chegar ao martírio. Segundo o relato de Santo Eulógio, ela havia tentado o martírio antes desse período, mas foi impedida por seus familiares. Mas, em uma noite, ela planejou ir ao encontro do martírio e deixou a porta do mosteiro sem trancar. Quando os demais religiosos foram dormir, ela saiu sorrateiramente pela escuridão da noite e caminhou até o amanhecer. Chegando à cidade, apresentou-se perante o juiz e fez sua declaração de fé e profanou o islã. Como consequência, imediatamente o juiz ordenou sua execução, que ocorreu no dia 19 setembro de 853. Seu corpo foi jogado ao rio, sendo encontrado por trabalhadores. Enterraram-na em uma fossa. Após vinte dias, foi retirado desse lugar e ficou aos cuidados dos monges que a sepultaram no santuário da virgem Eulália, próximo da Mártir Columba.

3.2.12 Presbítero e mártir Abundio

Abundio era natural do povoado de Anelos, próximo à serra cordobesa. Lá, exercia o sacerdócio. Conforme o relato, foi delatado por engano. No entanto, quando percebeu que teria que dar explicações ao juiz sobre a fé que professava e seus atos em relação a ela, ele se encheu de determinação e fé. Diante do juiz, deu

seu testemunho e profanou veementemente o profeta Maomé e sua religião. Foi executado imediatamente e seu corpo deixado para ser devorado pelos cães, no dia 11 de junho de 854. P. 161

3.2.13 O martírio dos santos Amador, Pedro e Luis

Amador era natural de Martos e foi estudar em Córdoba; Pedro era um monge cordobês e Luís era irmão do diácono Pablo, que havia sido martirizado anos antes. Foram executados rapidamente por terem exposto sua fé. Seus corpos foram jogados no rio; depois de alguns dias, foram resgatados, com exceção do do presbítero Amador, cujo paradeiro é ignorado. Já, o corpo do monge Pedro foi sepultado no mosteiro de Peñamelaria e o de Luís descansa no povoado da província cordobesa chamada Palma.

3.2.14 O martírio do presbítero Elias e dos monges Pablo e Isidoro

O presbítero Elias era um homem de idade já avançada, natural da província de Lusitânia; os jovens monges Pablo e Isidoro foram executados no dia 17/04/856. Seus corpos foram pendurados no andaime (forca) por alguns dias e depois jogados no rio Guadalquivir.

3.2.15 O monge Argimiro

Era um nobre já de idade avançada, natural do povoado de Cabra, que havia sido nomeado pelo emir como juiz dos cristãos. Conforme o relato, ele foi acusado pelos mulçumanos de injúrias ao seu profeta, porém injustamente, ou por inveja da posição que ele ocupava. No entanto, na ocasião em que falou com o juiz, ele confirmou a fé que professava e profanou o islã e seu profeta, dizendo que ele era autor da falsa religião e líder dos seus perdidos seguidores. Foi encarcerado e alguns dias depois, chamado novamente à presença do juiz, que tentou convertê-lo ao islã, mas, diante da recusa expressa por Argimiro foi levado à execução, sendo atravessado por uma espada, no dia 28 de junho de 856. Seu corpo ficou pendurado por vários dias até que o juiz permitiu que o retirassem e o

sepultassem na igreja de Santo Acisclo, junto à tumba do primeiro Mártir executado, Santo Perfecto.

Por meio dos relatos apresentados, foi possível observarmos uma crítica à situação vivenciada, tanto em relação a questões socioeconômicas como religiosa vividas pelos moçárabes em Córdoba e região. Quanto à questão socioeconômica, por exemplo, Santo Eulógio ressalta a pobreza e a fome, além de também expor a dominação cultural islâmica como meios que estavam sufocando a comunidade cristã.

Nos testemunhos dados por aqueles que visavam a conseguir o martírio é perceptível a forma que usaram para serem aprisionados e, posteriormente, executados pelas autoridades islâmicas. Percebemos, como elemento comum, o fato de - nos depoimentos - afirmarem que a crença islâmica era apenas uma seita diabólica, pagã e que a história e atos de seu profeta e de seus seguidores eram imorais. Torna-se interessante destacar que essa forma de considerar o Islã é apresentada por cristãos que eram em sua maioria monges, sacerdotes e diáconos ou seja, pessoas que detinham um maior conhecimento da religião cristã. Tal fato denota como o cristianismo percebia e considerava o Islã uma falsa religião que deveria ser combatida e o meio de combate escolhido pelos cristãos era o martírio. Porém isso era algo a ser alcançado. Necessitava ser planejado. Para tanto, preparavam-se seguindo uma conduta de jejuns, orações, vigílias, meditações e desprendimento de bens materiais. Feito isso, estavam preparados para, publicamente, ofenderem o Islã e não darem outra opção às autoridades islâmicas senão a condenação à morte.

3.3 CASAMENTOS MISTOS

Observa-se que, nos séculos VIII e IX, na região de Andaluzia, havia uma enorme diversidade cultural, religiosa e social. Nesse cenário, surgiram diferenças étnicas, doutrinárias e sociais entre as comunidades islâmicas omíadas, compostas por árabes e sírios, que tinham maior prestígio político e social. Os cristãos moçárabes tinham o direito de seguir sua fé, perante o pagamento de um tributo denominado Jizya. Os muladis - que eram cristãos nativos da Andaluzia, convertidos ao islamismo - a princípio, eram compostos pelas famílias tradicionais visigodas que, com o domínio islâmico, constituíram pactos com os conquistadores e

muitos se converteram à nova fé, para perpetuarem suas regalias, como a manutenção de suas propriedades e de sua inserção na nova ordem social mulçumana, que regia na região.

Além de contar com uma grande comunidade judaica inserida também nesse contexto social e religioso, havia também algumas comunidades pagãs e semicristianizadas nos rincões mais interioranos de Andaluzia. Além dos berberes, povos oriundos do Magreb que haviam participado da conquista da Andaluzia sob o comando de generais árabes que os consideravam como sendo fracamente islamizados e, portanto, eram inferiorizados pelos governantes árabes de Al Adaluz e Damasco sede do governo omíada. Devido a isso, eram instalados nas regiões fronteiriças aos reinos cristãos, região montanhosa ao sul da cordilheira Bética; ao norte da Galiza meridional e no vale do Doro, regiões pouco produtivas e distantes dos grandes centros como Toledo, Sevilha, Córdoba e Granada. Viviam em situação marginalizada e de pobreza, levando-os a atacarem e pilharem as propriedades dos “dimmi” - povo do livro, que viviam na região. Eram também discriminados como os demais citados pela aristocracia teocrática omíada, sendo assim, nesse contexto, havia muitos embates nas áreas política e social entre essas diversificadas ramificações religiosas, que compunham a sociedade andaluza.

Nesse contexto de diversidades, havia pactos entre os conquistadores e os conquistados, podendo haver entre eles matrimônios mistos. Segundo Sánchez Albornoz, o nascimento dos primeiros filhos desses matrimônios mistos ocorreram ainda no tempo da entrada islâmica na Península Ibérica, quando os muçulmanos tomaram, como esposas, mulheres da elite visigoda. Um dos maiores exemplos desse tipo documentado é o caso da união entre Sara, neta do rei Vitiza, com um nobre islâmico, gerando a primeira geração de filhos provenientes de uma união mista. Mãe cristã e pai islâmico. Os filhos resultantes dessas uniões ficaram conhecidos como muladis (PERAJAS, 2013, p. 171).

Em 839, no concílio de Córdoba, ficou regulamentado que não deveria ser permitido aos cristãos darem suas filhas em casamento a muçulmanos. Já, os muçulmanos reconheciam o casamento misto. No entanto, somente quando o marido fosse islâmico e os filhos desse matrimônio fossem obrigados a serem doutrinados na religião islâmica. (PERAJAS, 2013, p. 170). Tratava-se de uma sociedade patriarcal, na qual o homem exercia controle da vida social. Sendo assim, a esposa era obrigada a submeter-se ao seu marido. Sobre esses matrimônios

mistos, não há crônicas cristãs moçárabes que explicitem sobre a aceitação, ou não, da igreja em relação a essa situação.

Entre os mártires de Córdoba, há vários exemplos de filhos de casamento misto que foram condenados por apostasia e heresia, uma vez que respondiam por esses delitos como sendo mulçumanos. Também nesse contexto, havia relações matrimoniais entre mulçumanos espanhóis (muladis) e cristãos (moçárabes) que, segundo os escritos de Santo Eulógio, permitiam situações diferentes da norma vigente para esses matrimônios mistos. (PERAJAS, 2013, p. 171). Ocorreram casos envolvendo alguns mártires como: Numilona e Alodia, Aurelio, Flora, Maria, Natalia e Liliosa, que observaremos a seguir.

3.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS RELATIVAS À PESQUISA REALIZADA

As narrativas referentes ao processo dos mártires voluntários de Córdoba não nos apresentam somente questões no aspecto religioso, mas também de cunho cultural, jurídico, socioeconômico e político.

No aspecto cultural, observamos, nos relatos deixados por Eulógio, a crítica feita por seu mestre Esperanideo sobre o interesse e a valorização da língua árabe, nos círculos cristãos da época. O árabe havia se tornado a língua cultural, uma vez que grande parcela da população falava, escrevia e lia poesias, textos filosóficos e históricos nessa língua. Tal influência ocorria desde o seio da aristocracia andaluza até as classes mais populares. Essa seria uma das causas que viria a fomentar o sentimento de identidade cultural, pois a comunidade cristã começou a observar o desinteresse de seus membros pela cultura latina e suas tradições, pois viviam uma ameaça iminente de arabização e, dessa maneira, perda de sua identidade cultural.

A questão religiosa era complexa, pois, mesmo antes da chegada do islã, o cristianismo se instalou em Andaluzia com muita disputa entre linhas de pensamentos teológicos distintos como os nicenos e os arianos. Acabou prevalecendo o primeiro que, desde sua implantação, enfrentava, teologicamente, crenças pagãs, crenças populares e o judaísmo, convivendo com elas, havendo uma numerosa comunidade instalada na Península Ibérica desde tempos longínquos.

Desses embates, prevaleceu a hegemonia da Igreja em terras Ibéricas. Com a chegada do islã em 711, houve grandes perdas de propriedades e terras cristãs, muitas igrejas e mosteiros foram destruídos durante a ocupação moura, além da

perda de alguns privilégios. Além disso, muitos cristãos deixaram os territórios dominados pelo islão e passaram a viver em terras do norte peninsular. Por outro lado, ocorreram conversões ao islamismo em grandes proporções. Porém a hierarquia eclesiástica e suas sedes metropolitanas mantiveram sua estrutura episcopal. Mas, com o domínio islâmico e a com a distância a que se encontrava dos demais reinos cristãos, havia a dificuldade para repor seu acervo, com novas obras litúrgicas, filosóficas para, até mesmo, fazê-la crescer novamente.

Nesse período, a igreja perdera a hegemonia, após séculos e passou a combater a ameaça das crenças populares que voltaram a ressurgir de uma forma intensa. As autoridades eclesiásticas viam como heresia os cultos, seitas e o sincretismo que proliferava nos principais centros urbanos como Toledo, Zaragoza, Sevilha e Córdoba.

Dessa forma, a Igreja atravessava um momento de instabilidade que viria a se intensificar. Os emires Abd Rahman II e seu sucessor Muhammad I passaram a influenciar as decisões de parte das autoridades da Igreja, chegando a controlar a indicação de nomes para as funções eclesiásticas e influenciando nos Concílios. Esse fato levou uma parcela dos cristãos moçárabes a se revoltar com a situação. Além disso, para terem reconhecimento perante a jurisdição mulçumana para exercerem sua religião, eram obrigados a pagar a Jyziá, tributo que dava direito ao cristão de seguir sua religião. No entanto, somente era permitido praticar os rituais dentro das igrejas e monastérios, sendo proibidas as manifestações religiosas e o proselitismo fora desses recintos.

E, nesse cenário de enfrentamentos, surgiu um grupo composto por religiosos e leigos que, liderados por Eulógio de Córdoba e com a participação irrestrita de Pablo, encontraram uma forma extrema para protestar contra o domínio do islã. Ambos compararam os primeiros casos dos martírios ao dos primeiros Mártires do cristianismo, que se opunham ao Império Romano, mas a inspiração real dos martírios ocorridos em Córdoba e região foi movida pelos fundamentos religiosos e de identidade cultural. Tentavam criar, com isso, o sentimento anti-islamismo, inspirado em fontes orientais onde já ocorrera esse jugo islâmico sobre a população cristã local. Todavia, nessas praças esse sentimento se expunha de uma maneira mais diplomática, uma vez que esses críticos teriam um grande conhecimento do alcorão e da teologia islâmica. Apesar de discutirem temas polêmicos do cristianismo, esses embates dogmáticos terminavam de maneira cordial.

Já em terras ibéricas, essa situação tomou outras conotações, pois - além de os mentores terem conhecimentos do islã - havia também um grande descontentamento em alguns setores da comunidade cristã, em relação aos problemas ocorridos na Igreja e na sociedade andaluza. O movimento do martírio passou a ser visto como uma ameaça ao emirado e à fragilizada Igreja, que se dividia entre os apoiadores de Eulógio (a minoria) e os que eram contrários a ele sendo alinhados ao bispo Recafredo (a maioria), o qual mantinha estreitas relações com o Emir, submetendo-se a intervenções desfavoráveis à própria comunidade cristã. Esse fato o tornava uma pessoa sem prestígio perante a mesma. Tentou através de uma Assembléia episcopal, no ano 852, proibir os martírios e anistiar os que haviam sido condenados às execuções, porém essa medida não saiu como se esperava, pois, os martírios continuaram e a situação entre as comunidades cristãs e mulçumanas tornou-se menos amistosa.

Essas informações nos fazem pensar que os mártires foram movidos por vários fatores distintos, uma vez que suas tradições linguísticas, sociais, jurídicas e principalmente religiosas estavam sendo substituídas por uma nova cultura que dominava todos esses campos. Os martírios foram impulsionados pela não aceitação das perdas de suas tradições culturais e religiosas e tiveram em Eulógio um motivador que, por meio dos seus ensinamentos e escritos, incentivou seus seguidores a desafiarem as autoridades mulçumanas, dando o seu testemunho na fé cristã e maldizendo a fé e o profeta do islã. Dessa forma, eram julgados por proselitismo, profanação ou por apostasia e heresia, no caso de o réu ser fruto de casamento misto.

Para alcançar o martírio, havia todo um preparo, pois muitos acreditavam que o advento do islã seria um sinal dos finais do tempo. Assim sendo, eles viam no martírio a oportunidade de se sacrificarem pela sua fé, de se glorificarem em prol do cristianismo e, com isso, libertá-los do jugo islâmico. Mas, para isso, havia um preparo ritualístico, no qual jejuavam por dias, oravam, cantavam hinos litúrgicos, faziam vigílias e se desfaziam de bens materiais fazendo doações aos mosteiros, igrejas e às pessoas em estado de mendicância. Faziam esses sacrifícios para se prepararem espiritualmente e assim alcançarem o júbilo do martírio.

Com base nos relatos feitos por Santo Eulógio, constatamos que a razão dos martírios não foi somente de cunho religioso, embora ele estivesse muito presente em todos os seguimentos da sociedade da época. Houve também a questão cultural

que despertou o sentimento de identidade, pois estavam convivendo com uma desvalorização da cultura latina em sua própria terra. Na questão religiosa, talvez nem por falta de conhecimento em relação ao islã, mas muitos o viam como uma seita diabólica também a comparando com o paganismo, que era muito combatido pela Igreja. Além de crerem que estavam vivendo o final dos tempos, tinham visões de aparições de santos e também dos próprios companheiros de martírio que haviam sido executados anteriormente. Esses apareciam em sonhos para incentivar os demais a alcançarem a palma do martírio.

Quanto a Eulógio, foi encarcerado no ano de 851 e passou o tempo produzindo suas obras como *Memorial dos Santos* e o *Documento Matriarcal* que foi destinado a encorajar as condenadas ao martírio - Flora e Maria - que havia conhecido em sua passagem pela prisão. Foi liberto em 29 de novembro do mesmo ano. Já ordenado sacerdote, Eulógio participou do Concílio Episcopal, ocorrido em Córdoba para solucionar a questão dos martírios. Ali, foi acusado por um representante do Emir, de ser o causador dos martírios. Nesse período, passou a ser perseguido, tendo que viver oculto, escondendo-se, a cada tempo, em lugares diferentes. Com isso, o movimento foi perdendo a força, embora ele ainda defendesse a causa e incentivasse novos Mártires. Foi eleito metropolitano de Toledo, mas devido a intervenções de Recafredo e do Emir, não chegou a ser nomeado, ainda mais naquela cidade que sempre fora um reduto rebelde. Eles temiam que os acontecimentos envolvendo Eulógio pudessem levar a um grande distúrbio social. Sendo assim, Eulógio permaneceu em Córdoba, onde foi acusado de ter influenciado no martírio de Leocrecia, uma jovem de família abastada mulçumana, convertida ao cristianismo e ocultada por Eulógio em sua própria residência. Foi surpreendido e levado com violência perante o juiz mulçumano, que o interrogou. Por sua vez, Eulógio foi firme e deu seu testemunho da fé cristã e profanou, com palavras, o islã e o seu profeta Maomé, o que levou o juiz imediatamente a condená-lo à pena capital. Sendo executado no dia 11 de março de 853, teve seu corpo lançado no rio Guadalquivir, depois recolhido pelos cristãos que o sepultaram na igreja de Santo Zoilo.

4 O USO DE TECNOLOGIAS VOLTADAS AO ENSINO PARA LEVAR À ESCOLA CONHECIMENTOS SOBRE A PENÍNSULA IBÉRICA EM MEADOS DO SÉCULO IX.

No presente capítulo, apresentamos a criação do objeto educacional que realizamos, a partir da pesquisa desenvolvida, cujo objetivo foi conhecer as ações tomadas frente ao domínio islâmico, por cristãos que viveram em Córdoba e região em meados do século IX. No total foram quarenta e oito cristãos que, ao longo do ano de 850 a 859, influenciados pelo bispo de Córdoba, posteriormente conhecido como Santo Eulógio, prepararam-se e enfrentaram as autoridades islâmicas dando, por um lado, testemunho da sua fé em Cristo e, por outro, negando e profanando a doutrina islâmica, de forma a atingi-la, não deixando alternativa às autoridades islâmicas senão condená-los à morte. Com isso, tais cristãos visavam a reascender, na comunidade cristã, o ânimo da fé em Jesus Cristo e impedir que tal comunidade continuasse perdendo o seu espaço em terras dominadas pelo islamismo em Córdoba e por extensão em Al-Andalus.

Visando a possibilitar que essa temática chegue ao universo escolar, principalmente ao Ensino Médio, criamos um objeto educacional no qual fizemos uso da ferramenta Xerte. Por meio desse recurso, fizemos um vídeo no qual apresentamos uma vídeo-aula expositiva sobre o tema Os moçárabes e utilizamos também o Quizz.

4.1 PLATAFORMA XERTE, VÍDEO-AULA, TEXTO DIGITAL E QUIZZ NO ENSINO DE HISTÓRIA

O Programa Xerte permite que o aluno possa acessar, estando on-line ou off-line, essa vídeo-aula, juntamente com os textos, em *smarthphones*, *tablets* e computadores, não somente no espaço escolar, mas em qualquer lugar onde estiver. Essas ferramentas nos auxiliam no processo e construção do ensino, uma vez que podemos utilizá-las para o desenvolvimento e construção da aprendizagem dos alunos.

A intenção é utilizar esses recursos para a introdução, no ambiente escolar, de conhecimentos relativos à pesquisa que desenvolvemos. Com isso, ao criarmos materiais relativos à história dos moçárabes, contribuiremos com a oferta de

materiais que visam a ampliar a oferta de conteúdos e reforçar estratégias de ensino de História para a Escola de Ensino Médio

O tema que pesquisamos nos remete aos séculos VIII a meados do IX. Nesse período, procuramos analisar a convivência entre as culturas cristã e a islâmica na região de Andaluzia, sul da atual Espanha. Nosso ponto de partida encontra-se em relatos referentes à chegada dos muçulmanos à Península em 711, quando o general Tariq ibin Ziyad desembarcou com sua tropa em solo ibérico para uma ocupação que duraria 819 anos. A conquista não se deu somente com conflitos armados, mas também através de pactos entre conquistadores e conquistados.

O termo moçárabe foi utilizado pelos conquistadores para identificar judeus e cristãos que viviam sob o jugo islâmico, mas podiam seguir sua religião, pagando um tributo chamado jizya. Posteriormente, esse termo passou a ser usado para identificar somente os seguidores de Cristo. Nessa época, os cristãos, além da jizya, que permitia professarem sua fé somente dentro das igrejas e mosteiros, pagavam outros tributos como o de suas propriedades rurais ou urbanas, para não servirem ao exército. Enfim, a situação das comunidades cristãs se tornara árdua perante o domínio islâmico. Nesse período, a igreja cristã havia sofrido perdas de terras, algumas de suas igrejas e mosteiros foram destruídos; um grande êxodo levou muitos a viverem nos reinos cristãos do norte; a conversão de muitos que ficaram sob o domínio islâmico na intenção de obterem vantagens junto aos muçulmanos. Com isso, cultura islâmica começou a dominar e o árabe se tornou a língua cultural.

Com todo esse contexto, surgiu um sentimento cultural nas comunidades moçárabes, que começaram a questionar por seus direitos. Na segunda metade do século IX, mais precisamente nos anos 850 a 859, quando as tensões entre ambas as comunidades chegaram ao extremo, surgiu o movimento dos mártírios, idealizado por Eulógio de Córdoba. Esse jovem de família tradicional, havia estudado teologia na igreja de Santo Zoilo. Teve, como magister, Speraindeo, que era abade do mosteiro de Santa Clara; era um defensor da cultura latino-cristão no emirado de Córdoba e também conheceu Pablo; foi seu colega na igreja de Santo Zoilo, onde estudaram as escrituras e as doutrinas dos Santos Padres; compuseram escritos exóticos e alguns poemas de natureza rítmica de exercício e viria a se tornar seu grande amigo e apoiador dos Mártires de Córdoba.

Nessa época, era Emir de Córdoba Abd al-Rahman II (822 a 852), cujo governo foi marcado por estabilidade econômica, administrativa e também por não sofrer incursões dos reinos cristãos do Norte; no entanto, conforme os documentos, ocorreram alguns levantes internos especialmente em Toledo e Mérida. Foi um soberano admirador da cultura. Construiu bibliotecas, trouxe professores de outros centros islâmicos, incentivou os poetas, a agricultura com técnicas de irrigação, os estudos de astronomia e medicina entre outros. Fez de Córdoba um grande centro da cultura islâmica no ocidente.

Nos últimos anos de seu governo, surgiram os primeiros sinais de um movimento que ficaria conhecido como Mártires de Córdoba. Tal movimento causou a ruptura entre as comunidades cristãs, pois - de uma parte - havia aquelas pessoas que apoiavam o movimento e - de outra - as que eram contrárias. Os islâmicos por sua vez, viam, no movimento, um perigo real que poderia gerar uma rebelião, levando as duas comunidades a um embate fatal.

Tendo sido o cenário apresentado como contexto histórico, elaboramos o objeto educacional. Por meio dele, pretendemos propiciar, à Escola de Ensino Médio, uma parcela do que estudamos em nossa dissertação de mestrado.

4.2 PEDAGOGIAS, EDUCAÇÃO E SOCIEDADE

Desenvolveremos a nossa pesquisa fazendo uso de análise de textos produzidos no período histórico em que delimitamos a nossa pesquisa, ou seja, nos escritos de São Eulógio de Córdoba. Além da fonte delimitada, faremos uso também de artigos e de livros e de mapas históricos que tenham a temática como assunto principal.

Explanaremos sobre Pedagogia, Educação e Sociedade utilizando algumas obras de pensadores como Kant, Paulo Freire, Heidegger, Durkheim e Marx com o intuito de observarmos a evolução desses conceitos sobre a educação e seus aprimoramentos que nos lançam a esse desafio complexo de construção da aprendizagem.

O termo educação vem sendo analisado desde a antiguidade até os dias atuais e observamos que há uma tendência, ainda de caráter elitista, embora houvesse uma maior oferta nas oportunidades de alcançar uma educação de qualidade, mas ainda tem muito que aprimorar.

Ainda que, atualmente, tenhamos um avanço tecnológico considerável, não utilizamos desse recurso com frequência, o que poderia ser de grande avanço para o desenvolvimento educacional. Mas observamos que os conceitos de educação permanecem em algumas diretrizes, mesmo com todo esse avanço citado, ainda seletivos como: a estrutura do ensino ainda segue um currículo diferenciado, ou seja, para determinada parcela da população se oferece um tipo de curso como técnico profissionalizante e, para outra parcela, o acadêmico; preza a competitividade sendo totalmente seletiva, pois os que não alcançarem a pontuação determinada serão excluídos; a valorização de determinadas áreas acadêmicas. Enfim, uma sociedade egoísta em que a educação tem a função de moldar o indivíduo socialmente.

Observando a cultura em todos os seus segmentos na educação, é que se apresenta a possibilidade de transformação, ou seja, ela pode mudar os desígnios de uma sociedade, oferecendo condições de desenvolvimento social e político ou de perpetuar o modelo existente. Partindo dessa visão, observamos as linhas de pensamentos de Heidgger, a cultura fez o homem mais humano; Paulo Freire (1967; 1987) que diz que a cultura deveria ser mais do homem. Segundo ele, a Educação interage com a cultura dialeticamente, pois tem um caráter de transmissão e transformação das coisas que o homem cria, incluindo as próprias formas de transmissão, a própria educação.

A educação pode ser classificada em informal ou formal, sendo a primeira aquela ocorrida na comunidade e na tradição e o conhecimento é passado pelos mais velhos aos mais novos, que continuam a dar seguimento à cultura por várias gerações. Já a cultura formal apresenta-se mais fragmentada e, muitas vezes, é confundida com instrução, embora seja por seu intermédio, que alcançamos o desenvolvimento científico. Porém há um preconceito em relação à educação informal, mas foi através dela que fomos mais educados em relação à educação formal. Observo que o ideal seria uma interação entre ambas as formas de educação, pois elas se completam: a cultura popular e a acadêmica.

Abordarei sobre o pensador Émile Durkheim (1978), que já questionava o ensino, pois, na sua visão, havia mais estudos literários que estudos científicos nas instituições. Com diversos conhecimentos acadêmicos, atuou como professor de Filosofia no Liceu de Sens, Saint Quetin e Troyes e, mesmo com esse acúmulo de

trabalho, ainda estudou obras de Hebert Spencer e Albert Espina, as quais viriam a influenciá-lo em suas futuras obras.

A influência desses autores levou Durkheim (1978) a ter contato com o laboratório de Psicologia de Leipzig na Alemanha, ao qual teve acesso para estudar antropologia e psicologia dos povos o que o levou a aprofundar seus estudos em ciências sociais e a defender a sociologia como uma ciência independente, tornando-se um dos grandes expoentes dessa disciplina no mundo. Com isso, desenvolveu teorias educacionais que se tornaram de grande importância para a história da pedagogia.

Segundo Durkheim (1978), a educação teria a função de preparar o indivíduo ou até mesmo forçá-lo a participar de um ou mais grupos sociais. Ele também analisava o conceito de solidariedade social que, segundo ele, era dividida em duas formas: a solidariedade primitiva, na qual os indivíduos diferem pouco entre si com os mesmos sentimentos e valores. E a segunda, solidariedade orgânica de sociedades, mais complexa, em que uma divisão de trabalho, em detrimento das tarefas econômicas menos simples.

Observando esse raciocínio, vemos que, para esse pensador, a educação deveria moldar o indivíduo, atendendo as necessidades da sociedade para sua produção, ou seja, cada um sendo instruído para atender os setores sociais. Durkheim (1978) criou o conceito de anomia, ou seja, a ausência ou desintegração das normas sociais seriam características das sociedades orgânicas desenvolvidas e seu surgimento ocorreria quando diversas funções sociais se tornassem muito tênues ou intermitentes.

Como sociedades complexas são mais baseadas na diferenciação, é necessário que as tarefas individuais correspondam aos seus desejos e aptidões. Como isso não ocorre, os valores ficam enfraquecidos e a sociedade é ameaçada pela desintegração. Preocupado com as consequências políticas e éticas dessa desintegração resultante da divisão do trabalho social, Durkheim (1978) propõe, como uma solução para sanar esse problema, as formas cooperativistas de produção econômica.

Também contribuiu para o estudo das religiões, que aparecem como problema de consenso. A sociedade ocidental moderna, racionalista e individualista necessitaria de crenças comuns que, segundo ele, não podem ser fornecidas pela religião tradicional. Afirmou, também, que todas as religiões são apenas uma

transposição da sociedade para um plano simbólico: os homens cultuam apenas a realidade coletiva transfigurada.

Já para Kant (2002), o homem deve ser educado com disciplina, pois existem normas de convivência a serem seguidas, no intuito da manutenção da ordem. A instrução é inserida por meio de currículos das áreas de exatas, humanas e comunicação e, mediante esse processo, conseqüentemente ocorre a formação acadêmica ou profissional. Segundo Kant (2002), o homem não poderia tornar-se verdadeiramente homem sem a educação e, para isso, deveria ter uma disciplina, pois é através dela que o homem deixa de ter animalidade e passa a ter humanidade. E, juntamente com a instrução e a formação, o indivíduo deixaria de ficar na situação de menoridade, ou seja, através da educação o homem se libertaria daram comodidade, covardia, preguiça, essas causas que levam os homens a não tomarem suas decisões.

Nesse contexto de ensino em que o homem se libertaria através da educação, podemos observar que sua prática kantiana ainda se faz presente na maioria das instituições educacionais, embora essas idéias sejam do século XIX e início do XX, portanto, elaboradas em outro contexto socioeconômico e cultural. Elas oferecem discussões sobre temas como a disciplina no ambiente escolar que ainda vem sendo um desafio para a educação na atualidade. Embora devamos levar em conta vários outros fatores, tais como a conjuntura política e socioeconômica, a descrença nas instituições, o desinteresse do público discente, constatamos que os valores, dentre os quais o respeito, quase deixaram de existir. Fazendo uma analogia entre as épocas do século passado e os dias atuais, observamos que esse quesito ainda continua sendo um desafio na prática da educação. É comum, hoje, vermos, nos noticiários, inúmeros casos de agressões verbais, físicas e psicológicas contra professores em ambiente escolar, mostrando que a disciplina é algo indispensável para o desenvolvimento educacional, pois - num ambiente desorganizado - não há como desenvolver o ensino e a aprendizagem. Talvez seja esse um dos grandes desafios que educadores deparam no dia a dia, mas creio eu que a maneira de combater essa questão seria por meio da própria cultura, mostrando os direitos e deveres de cada um e, o mais importante: o respeito e dignidade com o semelhante. Posso até ser utópico, pois as dificuldades para desenvolver esse projeto educacional libertário são enormes, devido a alguns fatores já citados, mas é através do conhecimento que aprendemos a nos libertar.

Em relação à instrução, ela era indispensável para a então formação do homem para conviver em sociedade. Para Kant (2002), a educação se basearia no tripé composto por disciplina, instrução e formação que seriam fatores determinantes para retirar o homem do estado primitivo de dependência para se tornar um homem mais racional, participativo e capaz de tomar suas próprias decisões e, com isso, tornando-se cada vez mais independente.

Já observando os estudos de Paulo Freire (1967; 1987), encontramos uma ideia de educação politizada e libertadora, pois visa a criar um cidadão crítico que venha reestruturar essa sociedade, a qual foi estruturada por grupos sectários e reacionários que opõem, de maneira enganosa, repressiva e violenta a ideia de o povo poder quebrar os grilhões que os oprimem. Nesse contexto, o autor faz uma análise histórica, social e econômica do Brasil desde a época colonial, mostrando os moldes da formação da sociedade nacional. A partir de fontes historiográficas, observamos que nossa sociedade teve origem no sistema denominado colônia de exploração, ou seja, foi a forma de colonização imposta pelos portugueses em suas colônias. Como o próprio nome diz, visava à exploração das riquezas e do trabalho. Sua estrutura social era elitista, formada por grandes proprietários rurais que produziam para a exportação. Havia pequenos comerciantes, artesãos, representantes do governo e da Igreja e a mão de obra escrava. Era uma sociedade onde a ascensão social quase inexistia. Nesses moldes, a sociedade brasileira foi constituída. Ainda carregamos muitos resquícios, em virtude das diferenças socioeconômicas. Cremos que somente por meio de uma educação libertária poderemos, pelo menos, amenizar as diferenças sociais existentes em nossa sociedade. Nessa cronologia histórica do Brasil, o autor Paulo Freire (1967; 1987) analisa a inexistência de diálogo, pois o sistema socioeconômico vigente, autárquico, tornava o poder exacerbado, juntamente com a submissão, levando o indivíduo a se acomodar e não se integrar e participar das questões sociopolíticas. Era regido por um autoritarismo anticrítico que impossibilitava a participação popular. Para Freire, a democracia - antes de ser uma forma política - é uma forma de vida em que todos têm que participar, através do diálogo e do debate, para solucionar os problemas dos quais o homem participa.

Para o autor, há necessidade de uma educação voltada para a decisão, para a responsabilidade social e política, na qual haja espaço para o diálogo. Freire (1967; 1987) entendia que a democracia era muito dinâmica e flexível, podendo

levar a uma maior flexibilidade de consciência. Em relação à educação tradicional, ele critica a falta de teoria, pois ela não gosta da comprovação, da invenção e da pesquisa. Essa educação é verbosa; ela não comunica.

Observando a obra *Pedagogia Educação como Prática da Liberdade*, vemos que a ideia do autor é promover uma transformação socioeconômica através da cultura, em que o indivíduo seja participativo e possa dialogar, no intuito de fortalecer a democracia, pois esse sistema necessita dessa interação participativa do indivíduo, para atender melhor os anseios dessas diversidades culturais que compõem a sociedade e formar cidadãos críticos e conscientes política e socialmente.

4.3 O PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM E SUA RELAÇÃO COM O OBJETO DE APRENDIZAGEM

Trataremos, no presente item, do processo de ensino e aprendizagem e sua relação com o objeto de aprendizagem. Isso nos lança um desafio complexo, expresso na construção do objeto de aprendizagem. Para tanto, faremos uso das obras de autores como Javier Onrubia (2009) e Teresa Mauri (2009).

Considerando os desafios da educação, principalmente na construção da aprendizagem, encontramos a dificuldade dos professores em transmitir conhecimento e fazer com que o aluno aprenda determinado tema. Com as evoluções das tecnologias voltadas ao ensino, deveriam aprender a introduzi-las na educação, fazendo uso dos recursos disponibilizados, com o intuito de ajudar na construção do ensino e da aprendizagem.

Uma vez que o nosso público escolar é constituído em sua maioria por jovens e sendo eles consumidores de smartphones, *Tablets*, *lap top* e aplicativos, temos uma possibilidade de utilizarmos, como recurso didático, essa tecnologia que nos possibilita aplicar e explorar, em sala de aula, imagens, textos e jogos interativos, de maneira que contribuam com o processo de aprendizagem. Seguindo essa perspectiva, com a intenção de fazer uso de tecnologias voltadas à educação, desenvolvi uma vídeo-aula cuja temática se insere na pesquisa “*Os moçárabes: a resistência cristã sobre o jugo islâmico em Córdoba no século IX*”. Para tanto, fizemos uso da plataforma Xerte. Para ela, produzimos uma vídeo-aula sobre o tema da pesquisa citada com uma duração de 09:45 segundos. Também há um texto

digitalizado, contendo o assunto que será disponibilizado juntamente com o jogo interativo chamado Quizz, que se baseia em perguntas e respostas com imagens. Então podemos trabalhar com leituras e imagens, que facilitarão a construção da aprendizagem.

Sabemos que os desafios da educação são complexos, embora - com toda essa evolução tecnológica - ainda vemos uma grande parte da educação atrelada a métodos utilizados de séculos passados, quando a humanidade não tinha essa dinâmica cultural tão intensa como nos dias atuais. Nesse contexto, é fácil observarmos que a oferta da educação, de certa forma, não acompanhou a evolução do homem e, ao mesmo tempo, não permite a evolução do próprio homem.

Observamos que a Educação é um tema complexo, pois - como as demais profissões - tem, como pilares, a teoria e a prática, o que nos desafia a colocá-las na construção da aprendizagem. Observamos que, para cada situação, temos uma forma específica para fazermos essa intervenção pedagógica, que seguem as três fases da intervenção reflexiva: planejamento, aplicação e avaliação.

Observando as diversidades metodológicas, vários especialistas do tema fizeram suas análises usando critérios diferentes como:

Joyce e Weil (1985), que analisam quatro dimensões: sintaxe, sistema social, princípios de reação e sistema de apoio social.

Tann (1990), que mostra o modelo de trabalho por tópicos com as seguintes dimensões: controle, conteúdos, contexto, objetivo/categoria, processos, apresentação/audiência e registros.

Hans Aebli (1988), seu método destaca três dimensões: o meio do ensino/aprendizagem entre alunos e professores e matéria.

A intervenção deverá ocorrer em uma pós análise metodológica e juntamente com a prática em sala de aula de propormos ações para uma melhor aprendizagem. Citaremos algumas medidas de intervenção como: as atividades de ensino/aprendizagem; relação professor/aluno; forma de estruturar as diversidades em sala, agrupando os alunos para esse convívio; adequar espaço e tempo às diversas formas de ensinar; organização dos conteúdos; utilização de materiais curriculares e outros recursos didáticos; avaliação.

Observando as propostas pedagógicas para o desenvolvimento do ensino/aprendizagem, vemos a possibilidade de inserção do objeto de

aprendizagem desenvolvido, com o intuito de atender as ações, na construção da aprendizagem.

Como já citado, foi utilizado, como base, a plataforma Xerte, que é um conjunto de ferramentas, que nos oferece a possibilidade de criar conteúdos interativos diversificados, utilizando esse recurso tecnológico em sala de aula, pois podemos trabalhar com imagens, mapas, gráficos, vídeos, jogos, textos, enfim o que venha agregar a fim de desenvolver o processo cognitivo dos alunos, no processo de aprendizagem.

A plataforma oferece uma série de modelos de projetos para a criação de apresentações on-line e materiais de aprendizagem interativos. O conteúdo é montado, utilizando uma interface intuitiva e vários usuários podem colaborar em projetos compartilhados, criando um fluxo de trabalho poderoso e eficiente para as equipes de especialistas no assunto, especialistas em mídia e designers interativos.

Assim sendo, utilizo o recurso de vídeo-aula, em que exponho o tema a ser trabalhado; dessa forma, também podemos utilizar outros materiais pedagógicos de apoio como a lousa, gráficos, mapas até mesmo paisagens naturais, urbanas e rurais, que podem ser utilizados na construção da aprendizagem. O objetivo do uso desses recursos é propiciar aos alunos o desenvolvimento da aprendizagem, por intermédio da visualização de imagens, aprendendo a conhecer como, por exemplo: fazer uma leitura de mapas, através das suas legendas e distinguindo-os, pois, no caso dessas disciplinas da área de humanas, que são muito literais e teóricas, há necessidade desse conhecimento visual para assimilar melhor os termos abstratos nessas situações e, com isso, auxiliar na construção da aprendizagem.

O objeto de aprendizagem disponibiliza, também, um texto digital referente ao tema a ser trabalhado, buscando - através da leitura e da interpretação de texto - melhor entendimento do tema, que também gerará um exercício de perguntas e respostas. Juntamente, está inserida a plataforma Quizz, que é um entretenimento social, no qual há interação dos usuários, permitindo a edição de parte dos conteúdos ou, ainda, criar os próprios meios de pesquisa.

Sendo assim, criamos um questionário de personagens, fatos, lugares e mapas, na intenção de desenvolver o aprendizado, utilizando a leitura e a imagem. O jogo baseia-se em perguntas e respostas, sendo que - quando o aluno clicar nas opções de respostas - mesmo ele acertando ou errando a pergunta, o dispositivo

mostra a resposta correta, juntamente com as imagens representativas, referentes ao tema estudado em sala de aula.

Essa plataforma pode ser utilizada on-line e também off-line e o aluno poderá acessar de qualquer lugar. Esse objeto de aprendizagem pode ser utilizado no ensino fundamental e no médio, podendo ser utilizado na introdução dos temas juntamente com exercícios que serão utilizados como forma de construir e avaliar o desenvolvimento da aprendizagem. Nossa intenção é contribuir para que haja melhor construção de aprendizagem em nossos discentes.

Observamos que esse objeto de aprendizagem pode vir a contribuir de alguma forma para o desenvolvimento da educação e auxiliar na construção da aprendizagem de uma maneira mais prazerosa.

5 CONCLUSÃO

A presente pesquisa pleiteou sobre a resistência cristã perante o jugo islâmico em Córdoba dos séculos VIII a meados do IX na Península Ibérica. Foi apresentada a situação socioeconômica e política do emirado de Córdoba, podendo assim entender o contexto cultural da época em que os moçárabes presenciavam as suas tradições culturais serem sufocadas pela cultura islâmica.

Abordou-se como viviam os cristãos moçárabes e suas privações perante o jugo do islã, destacando as condições políticas, econômicas e sociais que fizeram parte do cotidiano da comunidade moçárabe, considerada pelos islâmicos como inferiores. As pressões sofridas e a obrigação de pagar tributos para poderem viver e permanecer na fé de origem propiciaram o surgimento de sentimentos de identidade cultural e, posteriormente, o da intolerância entre ambas as religiões e as divergências dentro da própria Igreja Cristã.

Destacaram-se os primeiros casos de cristãos que foram condenados à morte por terem, voluntariamente, ofendido a crença islâmica. Observou-se que os delitos utilizados pelos seguidores de Santo Eulógio para se autoacusarem estavam relacionados ao proselitismo, às profanações, à apostasia e à heresia.

O presente trabalho buscou identificar a formação da civilização Al-Andalus que representou a presença islâmica na Península Ibérica Medieval. Ao mesmo tempo, procurou-se destacar suas principais características. Foram analisadas também as características relacionais e mesmo a condição de cada um dos grupos presentes na península: cristãos, judeus e muçulmanos. Procuramos definir as muitas diferenças entre eles como, por exemplo, a diferença entre os cristãos do Norte e os do Sul, denominados moçárabes.

Procuramos apresentar algumas informações sobre as duas culturas que construíram uma base sólida para a formação cultural dos povos ibéricos, mostrando as divergências ideológicas, teológicas e filosóficas e atos de intolerância, que culminaram em uma hostilidade de grandes proporções.

Conclui-se que, mesmo nesse cenário desfavorável de diferenças, as contribuições culturais abrangeram segmentos diversos, que vêm influenciando a sociedade contemporânea ocidental, mostrando, que - mesmo com toda segregação de ambas as partes - ainda houve uma grande influência cultural, que veio acrescentar e inserir novos conhecimentos à cultura dos moçárabes.

REFERÊNCIAS

- ALCORÃO SAGRADO. Tradução de Samir El Hayek. São Paulo: Expansão Editorial, 1975.
- CASTELLANOS, Santiago Miguel Garcia. **Los godos y la cruz**. Madrid: Alianza Editorial, S.A., 2007.
- DOZY, Reinhont. **História de los mulsumanes de España hasta la conquista Almorávide**. Barcelona: Desván de Hanta: Biblok, 2015.
- DURKHEIM, Émile. **Educação e sociologia**. Tradução de Lourenço Filho. 11. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1978.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- KANT, Immanuel. **Sobre a pedagogia**. Tradução de Francisco Cock Fontanella. 3. ed. Piracicaba: UNIMEP, 2002.
- LORING, Maria I.. **Fuentes Hinojo, P.: Esclavitud y servidumbreen el tránsito del mundoantiguo al medieval**. 1998.
- MAURI, Teresa. O que faz com que o aluno e a aluna aprendam os conteúdos escolares? A natureza ativa e construtiva do conhecimento. In ONRUBIA, Javier et al. **O construtivismo na sala de aula**. Tradução de Cláudia Schilling. 6. ed. São Paulo: Ática, 2009. cap. 4, p. 79-121.
- MORENO, Eduardo Manzano. **Conquistadores**. Emires Y Califas: editorial@ed-critica.es, 2006.
- MORENO, Luis A. García. **España 702 - 719: La Conquista musulmana**. Sevilla: Secretariado de publicaciones, 2013.
- ONRUBIA, Javier et al. **O construtivismo na sala de aula**. Tradução de Cláudia Schilling. 6. ed. São Paulo: Ática, 2009.
- PEDRAJAS, Rafael Jiménez. **Historia de los mozárabes en Al-Andalus: mozárabes y musulmanes en Al Ándalus – relaciones de convivencia, o de antagonismo y lucha?** Córdoba: Almuzara, 2013.
- ROLDÁN, Pedro Herrera. **Eulógio de Córdoba, obras completas**. Tres Cantos, Madrid, España: Editoriais Akal, 2005.

SIMONET, Javier Francisco. **Historia de los mozárabes de España.** Madrid: Viuda de M. Tello, 1897.